



Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Editorial

Há já dois anos que a Direcção se propôs mudar a configuração e estrutura do nosso boletim, fazendo-o acompanhar, na medida do possível, a evolução da comunicação escrita, menos densa e mais facilmente impressiva.

A preparação do novo "figurino" levou a que todo o ano de 2007 seja registado num único exemplar nos moldes dos anteriores.

Resultou longo e denso, sim, mas não podiam deixar-se pela metade ou truncados eventos como, entre outros, o **XV Aniversário da Associação e Tomada de Posse dos Órgãos Sociais** para o triénio 2007/2009 (com a participação do "*Grupo Folclórico da Casa do Pessoal da Universidade de Coimbra*" e ainda dos Grupos "*Porta Férrea*" e "*Serenata de Coimbra*"), as **Conferências**, únicas pela elevação cultural dos seus temas e eminência dos palestrantes, a **Homenagem a Miguel Torga** pelo centenário do seu nascimento, na comemoração da **Tomada da Bastilha**.

Aqui, o entrelaçar da *alma mater* que é a Universidade de Coimbra (personificada pelo Magnífico Reitor, pelos Presidentes e representantes de todas as AAEC, pelos dirigentes da jovem Associação Académica e, no palco, pela buliçosa Tuna de Medicina) com Presidentes e representantes das autarquias locais envolventes e de outras instituições nossas cooperantes e, acima de tudo, com a Escola Profissional de Teatro de Cascais, que nos ofertou uma excelente representação da vida e obra de Miguel Torga – tudo isto é testemunho de um olhar atento sobre os acontecimentos actuais e as efemérides nacionais e também de abertura à sociedade circundante.

Materializam propósitos feitos pela Direcção há quase 14 anos, com uma determinação que os resultados obtidos vão reforçando.

Assim eles se vivifiquem com a lealdade e solidariedade de todos!

A Direcção

87º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA – 2007

CASINO ESTORIL, 24 DE NOVEMBRO

A **Comemoração do 87º Aniversário da Tomada da Bastilha** teve lugar no dia 24 de Novembro, como sempre no Casino Estoril e, como sempre também, foi presidida pelo Magnífico Reitor da nossa Universidade, Prof. Doutor Seabra Santos, acompanhado pelos Reitores Rui Alarcão e Fernando Rebelo e pelo Vice-Reitor Pedro Saraiva.

A abrir o *Show Académico*, apresentado por José Viegas, ecoaram as palavras de boas-vindas e agradecimentos da Presidente da Direcção, referindo a presença dos Presidentes e representantes de todas as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra (na Guiné-Bissau, em Cabo Verde, na Madeira, em Braga, no Porto, no Alto Mondego e em Coimbra); e congratulando-se com a opção dos cinco jovens dirigentes da Associação Académica de Coimbra, que abdicaram da sua própria comemoração para confraternizarem com os Colegas menos jovens.

Salientou ainda a adesão dos presidentes e representantes de outras instituições congéneres colaborantes (Casa da Académica em Lisboa, Casa dos Açores, Casa das Beiras, Casa de Goa e Associação dos Pupilos do Exército) e do Presidente da C.M. de Coimbra e da Vereadora da Cultura da C.M. de Cascais, que corresponderam ao desiderato da Direcção de abrir sempre as portas da Associação aos municípios e comunidades envolventes, numa vivência associativa onde cabem, em paridade, os de dentro e os de fora da matriz coimbrã que a Universidade sabe arrear para sempre nos seus estudantes.

Neste sentido – e após uma alegre e apreciada actuação da **Tuna de Medicina da U.C.** – o ponto alto centrou-se na **Homenagem a Miguel Torga "Aqui Dentro de Mim"**, com a recriação da sua vida em momentos de poesia, canto e dança por 90 Alunos da **Escola Profissional de Teatro de Cascais**, sob a orientação do respectivo corpo docente e da responsabilidade de Carlos Carranca, também docente e Assessor Cultural da Associação, tendo merecido clamorosa admiração dos 620 espectadores (entre os quais 130 familiares dos promissores actores), e a especial participação do Luiz Goes, acompanhado por Durval Moreirinhas e António Toscano.



... um momento da Escola Profissional de Teatro de Cascais

A Direcção materializou a sua gratidão com a oferta ao Director da Escola, Carlos Avilez, de um estojo de medalhas académicas, de medalhas da Associação às docentes Helena Vascon e Lucília São-Lourenço e de uma pequena lembrança alusiva a Miguel Torga a cada um dos jovens actores.

Também entregou o prémio anual à aluna Leonor Isabel Castendo Ramos, indicada pela Reitoria como tendo obtido a melhor classificação no curso de Medicina (o mesmo do homenageado) no ano findo.

No final, a mítica Serenata pelo "**Grupo Serenata de Coimbra**" e Balada da Despedida, cantada no palco e na assistência numa apoteose que perdurará até Novembro de 2008!

Mas... demos a palavra, decerto mais lisa e objectiva, a um jovem espectador:

"Sou um jovem estudante de medicina em Coimbra e confesso que desconheço em grande parte a obra de Miguel Torga, muito embora o seu entusiasmo pelas montanhas agrestes da paisagem transmontana, bem como a transparência das suas palavras no que diz respeito à mais subtil natureza humana, me tenham chamado a atenção para o seu nome. Existe em mim uma profunda admiração pela tranquilidade majestosa das montanhas – silêncio que nos confronta implacavelmente com o ruidoso desassossego das nossas existências em roda-viva. Quanto à necessidade de procurar um sentido para a vida humana, está latente em cada um de nós e é uma busca que começa precisamente por compreender qual a nossa verdadeira natureza.

Quiseram as circunstâncias que me deparasse com a voz imortal, possante e cheia de emoção de Miguel Torga, levada ao palco por Carlos Carranca, numa homenagem feita pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa no Casino Estoril, e que contou com a participação dos alunos da Escola Profissional de Teatro de Cascais.

A homenagem consistiu numa recriação de alguns momentos da vida de Torga, partindo de alguns dos seus textos e poemas. Juntando canto, poesia, dança e imagens, o espectáculo deu ao público a oportunidade de contactar com o poeta e o seu mundo, numa atmosfera de grande intimidade e cumplicidade. A figura imponente mas humilde de Carlos Carranca com os seus pés descalços simbolizou bem toda a força telúrica de Torga, em uníssono com a sua condição humana. Em pouco mais de 45 minutos transmitiu-se toda uma vivência de um homem que soube dar o devido valor às raízes humanas que nos prendem à vida. Presenciei um espectáculo que deu a conhecer Torga de uma forma muito prática, através da sua obra, sem qualquer exercício de erudição. Foi um momento de profunda interiorização poética, no qual percebi claramente o quanto as palavras de Torga ressoam dentro de mim. Ligam-nos a mesma natureza humana e a mesma inquietação. Na verdade, basta existir neste transitório mundo desconhecido e ter uma completa consciência disso para que a necessidade de encontrar respostas surja sem dó nem piedade. É uma busca que não tem fim, mas a única capaz de nos ir libertando, aos poucos, das amarras invisíveis da nossa própria inconsciência.

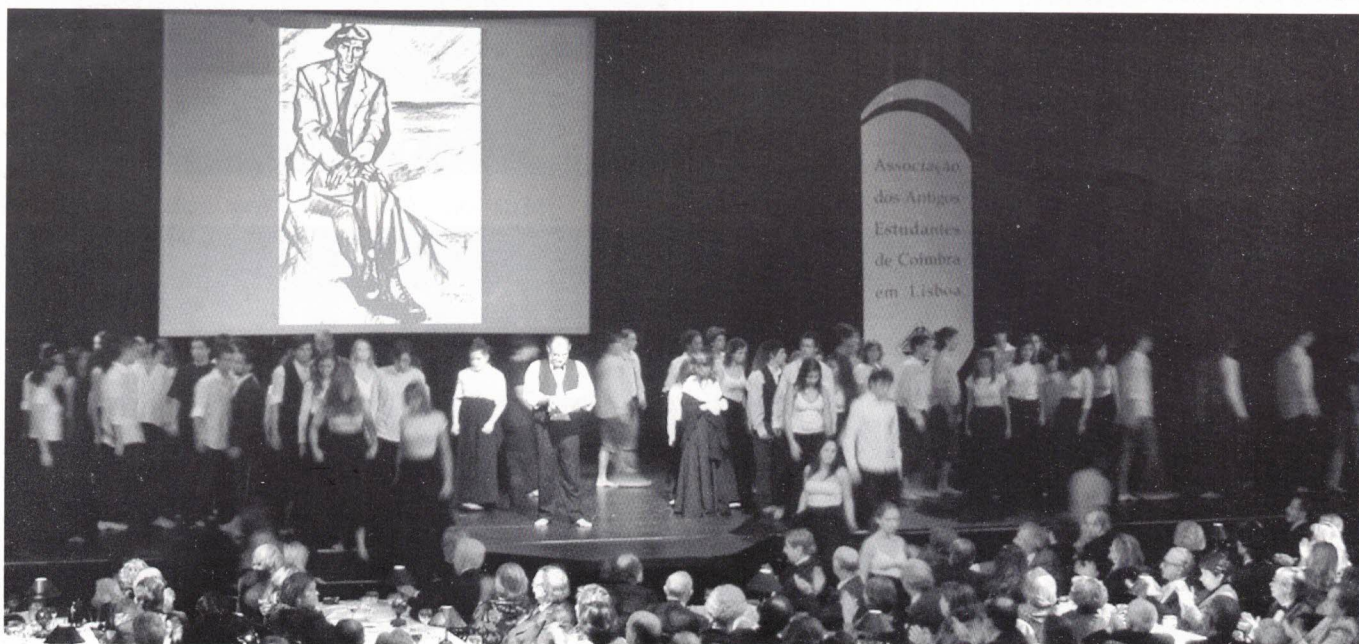
Como diz Torga, o importante é aceitar partir nessa aventura, o ponto de chegada pouco importa. Até porque respostas absolutas nunca se encontram, ou não fosse este um mundo em que a mais básica ilusão se toma facilmente por verdade à luz do nosso entendimento. Mas é no seio desta aparente realidade que cabe ao homem encontrar-se a si mesmo, descobrir a sua essência de poeta e, com a mesma lucidez de Torga, compreender que recebemos de Deus uma grandeza natural que dispensa qualquer tipo de submissão. Compreender o verdadeiro valor da existência humana passa realmente por reconhecer que é nesta nossa experiência telúrica que se encontram as oportunidades perfeitas para a nossa completa realização espiritual.

Reconhecendo o valor da herança que Torga deixou a Portugal, que nenhum de nós descanse enquanto não conquistar também dentro de si a liberdade necessária para manifestar toda a grandeza que se esconde dentro de cada ser humano. No nosso espírito arde a mesma chama de faíscas inquietas que se encontra em todos os poetas.

De facto, uma homenagem capaz de (re)despertar consciências para o grande poeta que foi Miguel Torga. Uma excelente forma de dar a conhecer um autor e que me contagiou com uma vontade sincera de conhecer melhor a sua obra. Um exemplo a seguir, num momento em que é muitas vezes difícil cativar os jovens para os grandes autores da nossa língua e para a importância que a literatura representa como ponto de partida para uma compreensão mais profunda de nós próprios.

João da Cruz

(finalista de Medicina da Univ. de Coimbra)"



A assistência, Carlos Carranca e os jovens actores

XV ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO / TOMADA DE POSSE DOS NOVOS ÓRGÃOS SOCIAIS

Foi o **Colégio S. João de Brito** escolhido para este evento, por ser das poucas instituições que acumula restaurante com auditório.

Desta feita, no dia 13 de Março 157 convivas festejaram mais um aniversário da nossa Associação, com um almoço não muito condigno..., mas com um Sarau pleno de movimento, em que o "**Grupo Folclórico da Casa do Pessoal da Universidade de Coimbra**", com 35 elementos, apresentou uma inédita serenata "futrica" (cantada e explicada), uma mostra de trajes e pregões e um vasto repertório de danças folclóricas da região.

Seguiu-se o nosso Grupo Coral "**Ad-Hoc**", que não desmereceu o conjunto, e a serenata monumental pelos Grupos "Porta Férrea" e "Serenata de Coimbra".

O Dr. Almeida Santos despediu-se (por querer "*preparar calmamente a sua passagem para o Além*") do seu cargo social de Presidente da Mesa da Assembleia Geral (para que fora eleito em 1992), deixando-o, nas suas palavras, de pleno direito e bem entregue nas mãos do Vice-Presidente, mas Presidente em exercício desde essa data, Chichorro Rodrigues o seu último acto foi dar posse aos novos Órgãos Sociais, assim constituídos:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente - Francisco Chichorro Rodrigues

Vice-Presidente - António Simão Toscano

Secretário - Germano Nunes Gouveia

Secretário - José Lima Lobo

DIRECÇÃO

Maria de Fátima Lencastre

Alcindo Augusto Costa

José Marcelino de Sousa Moura

António Manuel Fernandes Ribeiro

Maria Isabel Soares da Costa

Maria Claudina Castel-branco

Maria José Bernardino

CONSELHO FISCAL

Joaquim Oliveira Martins

Jorge Manuel Fernandes Nunes

José Manuel Matos Costa

A Direcção integra outro membro jovem, a Maria José, que será mais um veículo de atracção de outros jovens, tão necessários à revitalização e perpetuidade desta Associação. Haja Deus!



O bolo de aniversário



Os Presidentes



O Grupo Folclórico da Casa do Pessoal da Universidade de Coimbra

JANTARES/CONFERÊNCIA

I - Sobre "Amadeo de Souza-Cardoso, o Grande Pioneiro" PELO CRÍTICO DE ARTE RUI MÁRIO GONÇALVES – 15 DE MARÇO DE 2007

Aqui há um século atrás, pouco menos (tempo da Grande Guerra de 1914-18 e dos três ou quatro anos precedentes), a arte moderna começara a produzir os primeiros escândalos em Portugal. Provocávamos artistas portugueses que vinham de Paris expor a Lisboa em grupo e outros que se lhes foram juntando aqui (Eduardo Viana, Manuel Bentes, Emmérico Nunes, Francis Smith, Jorge Barradas, Almada-Negreiros, entre outros) ou estrangeiros, fugidos da mesma cidade, não de Paris propriamente, pois Paris é sempre Paris, mas da ameaça da guerra (caso do casal Robert e Sonia Delauney).

Os artistas portugueses que naquele tempo vinham de Paris, epicentro do sismo modernista que estava então a abalar de cima a baixo o cânone da arte do Ocidente, traziam até às artisticamente pacatas Lisboa e Porto um pouco dessa Paris irreverente, onde as novas tendências da arte convergiam de toda a parte e se estimulavam reciprocamente. Digo apenas um pouco dessa Paris irreverente, porque, se pensarmos que em Paris era o tempo do Fauvismo, do Cubismo, do Futurismo, do Abstraccionismo e de outros ismos colaterais, veremos que a maioria daqueles artistas portugueses apenas prolongava a liberdade estética dos impressionistas franceses da primeira vaga, herdeiros ainda de algumas convenções oitocentistas. Das correntes de vanguarda propriamente ditas, a bem dizer nada traziam, por enquanto, que pudesse chamar-se por qualquer daqueles designativos consagrados.

Destes portugueses timidamente modernos se destacava, porém, por mais adiantado nos fusos da modernidade (à parte Santa Rita Pintor, que é outro assunto), Amadeo de Souza-Cardoso. Ele mesmo se demarcava dos companheiros, ao dizer de si particularmente: "Nós, os de Paris", que era uma forma de se conotar com a escola de Paris. A escola de Paris, que não creio já fosse assim chamada, não era nem chegou a ser nunca propriamente uma escola, visto que era múltipla nas suas orientações estéticas, mas, fosse o que fosse, era coisa bem outra que a pintura "livre" daqueles arautos de um incipiente modernismo português que mal se definia ainda nos parâmetros da verdadeira modernidade.

Se não fosse português, este Amadeo de Souza-Cardoso estaria hoje entre os primeiros do Mundo nas Histórias da Arte Moderna. Mas como dizer

Amadeo de Souza-Cardoso em francês ou inglês, línguas em que os grandes homens em geral têm pequenos nomes? Os franceses, e muito menos os ingleses, jamais o aprenderiam.

Viveu pouco tempo este nosso Amadeo; a Guerra, não tendo conseguido apanhá-lo em Paris, mandou-o buscar pela Peste, que não atentou na sua juventude nem no muito destino que ele tinha ainda por cumprir, e o levou logo em 1918, aos 30 anos. Mas deixou atrás a sua obra, vasta, surpreendente, riquíssima. (A morte pode fazer o que tem de fazer da vida dos artistas, isto é, suprimi-la cedo ou tarde; mas não tem poder sobre as obras de alguns deles, se estas forem imortais, como a de Amadeo de Souza-Cardoso).

Não podemos dizer que se trata de um artista célebre como os seus pares contemporâneos de Paris: Picasso, Braque, Juan Gris, Chagall, por exemplo. Mesmo ainda hoje, em que os diversos modernismos já há muito deixaram de épater le bourgeois, de ser uma ofensa de lesa-estética para os abencerragens do naturalismo oitocentista, o seu nome não é dos primeiros que ocorrem quando se fala da prodigiosa revolução artística do começo do século XX. E não só lá fora, senão aqui mesmo em Portugal, onde mais depressa se sabe o nome (e mesmo se conhece a obra) do seu homónimo Modigliani, por exemplo, do que o seu. Tem, é certo, um Museu com o seu nome e a sua obra, mas fica muito lá para cima, para além do Marão, onde não se avista do Chiado. Para lá ir, é preciso fazer malas, etc.. Quem vai lá expressamente?

Este prémio vem a propósito da surpresa que foi para muita gente o êxito sem exemplo da recente exposição da obra completa do grande pintor de que estamos a falar, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Surpresa, visto não ser imaginável que, em Portugal, um público assim tão vasto e indiferenciado (passaram dos 100 mil os visitantes) acorresse a ver pintura e, para mais, de um artista português, ainda por cima quase, da maioria, desconhecido. Aliás, estamos semi-convicto de que parte, não pequena, das pessoas que esgotaram ininterruptamente a lotação das salas daquela exposição, suportando horas de pé em intermináveis filas à espera de vez para entrar no respectivo recinto, não eram artistas, críticos, galeristas, marchands ou mesmo simples gente indeterminada do meio artístico, mas público tout

court, o chamado grande público, uma percentagem do qual, não me admiraria que jamais tivesse ouvido falar daquele pintor ou, sequer, visitado uma exposição de arte em dias de suas vidas.

O caso foi assunto de algumas conversas na nossa Associação, em que a opinião sobre arte moderna estava longe de ser unânime. Várias vezes ouvimos a pergunta: Porquê Amadeo de Souza-Cardoso?, comparando-se a sua menor popularidade com a maior de Almada-Negreiros, por exemplo.

Foi a explicação desse fenómeno que pedimos a um dos mais destacados críticos portugueses de arte, o Dr. Rui Mário Gonçalves, que gentilmente aceitou a se nos reunir num jantar-conferência no Avenida Palace Hotel, com 92 ouvintes.

Rui Mário Gonçalves começou a evidenciar-se no meio artístico português há cerca de meio século, tendo enveredado pelo espinhoso caminho da crítica de arte num tempo (finais dos anos 50) em que ainda persistiam as controvérsias da arte moderna e da arte social versus, respectivamente, a arte tradicional e a arte pura, marcantes nos dez anos do pós-guerra, em que o jovem crítico tinha formado o espírito. A sua notoriedade depressa alcançada foi distinguida com o Prémio Gulbenkian de Crítica de Arte em 1963 e nesse mesmo ano com uma bolsa de estudo para Paris. De novo em Portugal a partir de 1966, continuou a exercer crítica em jornais e revistas e a organizar exposições de artes plásticas, enfim a envolver-se em eventos artísticos diversos, tendo também entretanto desempenhado funções docentes sucessivamente na Sociedade Nacional de

Belas Artes (Curso de Formação Artística), no Conservatório Nacional (Escolas de Teatro e de Cinema) e por mais tempo na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (disciplinas de Estética e de Literatura e Artes Plásticas). Além de extensa obra crítica e ensaística dispersa, a sua bibliografia activa consta de várias obras em volume e diversa colaboração em obras colectivas, de que destacamos aqui o Dicionário de Pintura Universal dentre as mais importantes. De salientar também, merecendo especial estaque pelo prestígio que deu à sua carreira, o papel que teve na importante Association Internationale des Critiques d'Art (AICA), em que presidiu à Secção Portuguesa e de que foi, por assim dizer, um dos refundadores.

A sua conferência no Avenida Palace foi seguida com interesse e, suponho, com proveito pelo auditório, que, acompanhando a dissertação e as imagens projectadas, pôde descobrir particularidades não só da pintura de Amadeo de Souza-Cardoso mas também da obra de arte em geral e da obra de arte moderna em particular, as quais, certamente, terão levado muitos de nós, mais renitentes quanto à aceitação da arte moderna, a condescenderem, que mais não seja, com algumas das inovações que as modernas correntes artísticas trouxeram à Arte (com maiúscula) e ao seu papel na sociedade. Ouvi a um colega dizer no fim da conferência: "Ainda não gosto da arte moderna, mas, pelo menos, fiquei a percebê-la". E eu pensei cá para mim: "Estás no caminho. Lá chegarás

Eduino de Jesus

II - Sobre "O Séc. XXI: Só um novo século ou uma nova Civilização?" – 16 DE MAIO DE 2007

Também no Avenida Palace Hotel, o o Presidente da Mesa da Assembleia Geral cessante mereceu o interesse e aplauso dos 62 ouvintes ao dissertar sobre o tema nestes termos:

"1. A segunda metade do século XX, pareceu empenhada em confirmar a velha tese militarista de que as guerras são, por regra, um factor de progresso.

Sabemos que mais vezes foram um instrumento de destruição e de morte, ou seja de retrocesso.

Mas, a partir de 1945, teve início um surto de desenvolvimento científico e tecnológico sem precedentes, que não parou de mudar o Mundo. Pouco mais de meio século volvido, o Mundo ficou irreconhecível. Era um, é agora outro.

Em breve resumo, era grande e desconhecido, deveio pequeno e devassado; era lento, deveio

vertiginoso; era plural e parcelado, deveio global e único; o longe ficou perto; o demorado ficou agora; fronteiras se abateram; soberanias se fragilizaram; vencemos a velocidade do som; comunicamos à velocidade da luz. E podemos hoje conversar com o nosso antípoda, e vê-lo enquanto falamos, ao simples premir de um botão, munidos de um aparelhinho quase gratuito, que cabe na palma da nossa mão. A televisão, que à rádio acopulou a imagem, a preto e branco e a cores, proporciona-nos a visão de todo o Mundo – todas as paisagens, todos os acontecimentos, todas as informações, todos os espectáculos – sem sairmos de casa. Apesar disso, Pierre Levy, autoridade indiscutível em matéria de novas tecnologias da comunicação, surpreende-nos com esta revelação: "a própria era da televisão já foi. A nova era é a da omnivisão, de que a televisão

é apenas um factor integrante, se bem que decisivo". E a nova vedeta dessa constelação mediática, é sem dúvida a Internet de banda larga. Essa nova Ágora virtual e universal, facultou-nos, a preço compatível com todas as bolsas, que todos contactemos, dialoguemos, concordemos ou discordemos, e inclusive namoremos com todos. Os meridianos e os paralelos não mais separam. Unem. É o maior centro de dados jamais imaginado: todos os livros, todas as bibliotecas, todas as informações. Tendo em conta as operações que já se fazem através da Internet, e o papel cada vez mais significativo dos "sites", dos "blogues", dos canais de conversação, das páginas próprias, dos "videojogos" e, assim o espero, das salas de aula "on-line", é fácil antever um futuro cada vez mais brilhante para a Internet. O computador, enfim, verdadeira invenção de um espírito saído da Lâmpada de Aladino, raciocina por nós, faz por nós os cálculos mais complexos, e anima robôs cada vez mais expeditos, cada vez mais inteligentes e, segundo as mais audazes conjecturas, tendencialmente capazes de sensibilidade, assim candidatos a alterar egos do próprio ser humano, em trânsito para substituí-lo no seu esforço físico e mental.

Enquanto isto, a ciência médica e cirúrgica evoluiu espectacularmente, e fez aumentar para lá de todas as previsões, a esperança de vida. Resultado: a população do Mundo explodiu. Éramos cerca de dois biliões à saída da guerra, depois de o século precedente ter acrescentado à sua conta o segundo bilião. Pois bem: a partir daí, a população global aumentou à razão suicidária de um bilião por década. Já vamos em seis biliões e meio, e o delírio continua, sem significativo êxito dos esforços de contenção entretanto preconizados.

A reforçar este espectacular avanço, a revolução biomolecular identificou o genoma humano. Desvendou os milenares mistérios da vida; habilitou-se a produzir cópias de cada ser vivo; e pôs um ponto final no mistério da criação. Em teoria, habilitou-se, inclusivamente, a produzir laboratorialmente um ser humano sem intervenção do sêmen masculino e do óvulo feminino.

Que outros milagres serão esperáveis da revolução biomolecular? É razoável admitir que entre eles estejam a sequenciação e ulterior manipulação dos cem mil genes do nosso ADN, incluindo o gene do envelhecimento, com a consequência sedutora, mas socialmente apavorante, de atingirmos a idade de Matusalém. Para já, ficámos a saber que o bom Francisco de Assis teve razão quando se declarou irmão de todos os seres vivos. Sabemos agora que o

nosso ADN é em parte comum a todos esses seres. Inclusivamente comum em cerca de 98% ao ADN do macaco e do rato! Os humanos que se julgam de sangue azul que se cuidem! Mas ser um pouco irmão da mais linda flor, é uma descoberta que nos perfuma a alma! E não se julgue que a hipótese da manipulação dos genes humanos, a partir da sua localização, é tão teórica quanto isso. Os cientistas já localizaram os oitenta e dois genes da mosca do vinagre, já os manipularam, e já produziram moscas com dezoito olhos! Será que podemos alimentar a esperança de um dia podermos dispor de um olho retrovisor? Que jeito não faria!...

Mais: já isolaram o gene do envelhecimento de um ser minúsculo, já o manipularam, e já dilataram sensivelmente o tempo de vida do ser de que se trata. Uma coisa é certa, e desde já muito agradável: é cada vez mais difícil morrer. Os médicos não deixam. E vêm aí órgãos sobressalentes substitutivos de todos os nossos órgãos, tão biológicos, apesar de artificiais, como os substituídos.

A revolução informática, em plena evolução, promete também – ou ameaça, nunca se sabe! – produzir computadores cada vez mais potentes, mais inteligentes, de menor preço e menor dimensão. No terminal dessa evolução, segundo os mais cotados cientistas, uma potência multiplicada milhões de vezes, e a dimensão da cabeça de um alfinete. Não é de loucura? Imagino os cidadãos do próximo futuro a usar um computador em cada botão, em cada brinco, em cada "piercing", obedecendo a ordens verbais do portador. Não fora o risco de um qualquer Big Brother poder, ele também, tirar partido dessas autênticas maquinações do demónio para nos tyrannizar, e só teríamos de desfrutar o orgulho que em nós despertam semelhantes revelações da inteligência humana.

Plena também de imprevisíveis consequências é a revolução quântica, nomeadamente no domínio da exploração do ciberespaço. Em teoria – por enquanto só! – ela abre ao Mundo perspectivas, ainda que longínquas, da exploração do imenso espaço cósmico, através de novas formas de energia a inventar.

Aqui chegado, faço uma pausa para perguntar: e queríamos nós que com tal revolução no nosso "habitat", e nas nossas vidas, a viragem do século tivesse apenas o significado que lhe confere o calendário?

É já possível adiantar uma conclusão: o século XXI reveste todas as características, não apenas de um novo século, mas de uma nova civilização: a civilização da técnica, do conhecimento e do saber.

2. Civilizações viveram e morreram. Das menos às mais brilhantes. Poderia a que finda ficar para amostra?

Nunca foi tão profundo o grau de novidade de qualquer outra nova civilização. Comparadas com as rupturas de agora, as rupturas civilizacionais do passado traduziram-se em formas mais ou menos conseguidas de evolução na continuidade. A própria revolução francesa, uma das mais subversoras, limitou-se a mudanças na origem e na organização do poder, na genealogia dos valores, na soberanização do povo e da sua vontade. Mas sem uma significativa recriação do próprio homem. O Estado-Nação de base territorial, balizado por fronteiras protegidas por sentimentos a que a própria vida se subalternizava, foi a sua mais original criação.

Pois bem: esse transitório "Leviatão" agoniza... O processo de globalização, produto natural das facilidades de comunicação e deslocação à distância, abate fronteiras, funde mercados, unifica tendências, nivela identidades, federaliza poderes. Mais significativo do que tudo isso, o ser humano resultante da revolução tecnológica e cultural ocorrida, tem cada vez menos de comum com o ser humano anterior ao vendaval que varreu valores, rotinas, comportamentos, convicções e até crenças. O ser humano do séc. XXI, ou já se desquitou, ou tende a desquitar-se de todas as tutelas, de todos os deveres, e ambiciona converter-se em responsável exclusivo de si mesmo, da sua vontade e do seu nariz. Deriva do cidadão para o indivíduo. Tende a converter-se no que Burdeau classificou de "autarquia individual".

Nada garante que seja mais feliz. Muito provavelmente, vai pagar em solidão, e quantas vezes em amargura, esse esforço de libertação e individualismo.

É assim natural que este novo ser humano esteja menos predisposto a continuar a delegar em representantes seus o poder de tomar as decisões que lhe dizem respeito. Dito de outro modo: a democracia representativa tende a ser gradualmente consumida por formas hábeis de democracia directa. Desde já o referendo, as sondagens, os inquéritos de opinião, os "sites", os "blogues", a pressão social e mediática sobre os órgãos do poder político tradicional. Amanhã a democracia electrónica. A Ágora virtual que os novos meios electrónicos possibilitam, e vão possibilitar cada vez mais, vai proporcionar formas de consulta directa, fácil e universal em tempo recorde, sem apelo ao tradicional voto em urna. Basta que o

poder político instale em casa de cada família um terminal de computador, e consulte o universo dos eleitores sobre o sentido das decisões a tomar. O tradicional risco de desagradar, que tanto corrói o concreto poder instalado, será fortemente condicionado. Basta que o decisor decida em sentido coincidente com o da maioria das respostas recolhidas.

É sabido que a democracia nasceu directa, e deveio representativa. O sucessivo alargamento do espaço territorial das unidades políticas, proporcionado por meios de comunicação e de deslocação cada vez mais rápidos e mais fáceis, inviabilizou a primitiva consulta directa. Daí o recurso à democracia representativa, por apelo à figura da delegação dos originários poderes soberanos. Pois bem: essa inviabilidade acabou. As novas tecnologias da comunicação à distância, substituem hoje automática e instantaneamente, a originária consulta directa dos cidadãos. Alguém duvida de que a democracia representativa tem mais passado do que presente, e mais presente do que futuro?

Características deste Mundo outro são também as novas faces do poder e a sua persistente difusão. Até ao fim do século passado, o poder manteve-se relativamente concentrado nos órgãos do Estado e nas suas descendentes ramificações. Uma vez mais em decorrência da explosão tecnológica que dinamitou o velho Mundo, o poder político deveio difuso, e assumiu novos e diferentes pólos, novas e diversificadas faces. O poder económico usurpa cada vez mais áreas importantes do poder político. O mercado disfarça, cada vez com menos êxito, o propósito de substituir o poder do Estado. Simultaneamente, o poder informacional mediático foi ganhando influência e converteu-se no segundo poder, com aspirações a primeiro. Converteu-se, inclusivamente, no principal agente da formação política, cultural, ética e sociológica dos seres humanos, infelizmente menos os formando do que deformando. Os órgãos de comunicação e informação – com destaque para a televisão e a internet – vêm substituindo, com avassaladora usurpação de domínio, a escola tradicional. Não são em regra incluídos no sistema escolar, nem considerados escolas. Mas é isso que são, se bem que despojados dos mais ténues escrúpulos pedagógicos. Como são lúdicos, ensinam ao domicílio, sem prestação de provas, nem exigência de propinas, são imbatíveis nas predilecções dos seus alunos. É verdade que só leccionam a futilidade, o consumismo, a competição, a violência, a pornografia. Mas por entre espectáculos

sedutores, competições desportivas apaixonantes, deslumbrantes exibições de atracção feminina. No noticiário exploram a compaixão, o catastrofismo, o golpe de intriga permanente. Tudo ingredientes de captação de audiência e de substituição do raciocínio pela reacção sensorial. É a audiência que lhes garante a publicidade, que por seu turno lhes assegura o suporte financeiro. Pura lógica económica, lucrativa e concorrencial.

De tal sorte que o caminho mais seguro para ficar estúpido é sentarmo-nos durante horas por dia em frente de um écran televisivo, de preferência com uma boa dose de pipocas. Infelizmente, é este o programa de vida mais difundido em todo o Mundo. Com a agravante de que é a única escola que lecciona do berço à cova. Quem nela se matricula (e quem escapa a essa matrícula?) é para toda a vida. Esse curso de futilização, competição, consumismo e amoralidade, começa a ser frequentado desde a mais tenra idade, ou seja desde que a criança aprende a rodar o botão, e num ápice se transforma num exímio "zappeur". Na plasticina moldável que o seu pequeno cérebro é, as primeiras impressões, os primeiros ensinamentos dessa universal "baby sitter", ficam para sempre gravados a moldar o seu carácter de futuro cidadão. É claro que, ao aperceber-se de que o poder mediático avassalava o poder político, o poder económico, que não dorme, nem por um momento pensou em combatê-lo. Mais fácil era comprá-lo. E comprou-o. São hoje um poder dobrado e único, com o inerente risco de se poder converter num "ersatz" do Big Brother do conhecido romance de Orwell. Basta esperar? Gostava de acreditar que não!

E como os valores éticos tradicionais, de origem religiosa e prolongamento racional, passaram a constituir um empecilho à competição, sal do poder económico, o modelo económico neo-liberal tratou de se desembaraçar desse travão e provocou a anomia desses valores. Bastou para tanto desvalorizar a instituição familiar, tradicional primeira escola. Anarquizar a escola segunda, dita oficial. Substituí-la pelas escolas mediáticas, que leccionam, repito, à revelia de quaisquer preocupações pedagógicas. Desvitalizar a fé religiosa. E minar a autoridade e a ordem em todas as suas vertentes: a vertente do Estado, a vertente da velha ordem militar e policial, a vertente institucional toda ela. Hoje, as sociedades humanas em que a liberdade impera, regem-se por padrões paraéticos, e tendencialmente antiéticos. A máxima do Maio de 68, "é proibido proibir", encontra nas sociedades democráticas e livres de hoje o seu terreno de

eleição. O único tempero desse delírio avalorativo, é hoje a Declaração Universal dos Direitos do Homem, cartilha laica dos direitos humanos fundamentais, por nosso mal não tanto dos correspondentes deveres. Chega? Já derrubou mais ditaduras, e já apeou mais ditadores por unidade de tempo, do que qualquer outro código civil ou ético. Mas não tem podido impedir a mencionada deriva para a rejeição de tutelas e deveres que está na origem da autarquia individual que o moderno ser humano tende a ser.

É aí que nasce a crescente desafeição com que os cidadãos das modernas democracias encaram a classe política, as instituições políticas, tendencialmente a própria democracia representativa.

Será que é possível a esperança num recuo? Num regresso? Numa lufada de bom senso? Gostava de acreditar que sim. Mas o que mais me preocupa não é a aparente irreversibilidade das exigências da nova civilização "in itinere". É o colectivo alheamento em face dela.

Sejamos francos: quantos seres humanos do novo Mundo que está aí, têm consciência de que o seu futuro, ou no mínimo o dos seus descendentes, pode estar irremediavelmente comprometido com catástrofes políticas, económicas, sociais, ou mesmo bélicas?

Acaso desconhecemos até que ponto as novas tecnologias puseram ao alcance de grupos dissidentes, ou mesmo de indivíduos iluminados, fanáticos ou loucos, novos meios facilmente acessíveis e manejáveis de destruição e de morte? Acaso já esquecemos que o perigo de um novo "big-bang" atómico, já esteve menos distante do que está? É próprio das passagens do testemunho, de civilização a civilização, que o "statu quo" estremeça. E as mutações irreversíveis já em movimento, se não consciencializadas, se não prevenidas e assumidas a tempo, podem provocar convulsões políticas, sociais, ou mesmo militares vizinhas da catástrofe.

A violência acessível e fácil já armou as máfias do crime universal organizado. Já se multiplicou em bombas humanas que o fanatismo anima, e contra as quais ainda se não encontrou defesa. Já animou o terrorismo internacional, contra o qual nada podem os porta-aviões, os contratorpedeiros, os submarinos e as esquadras de bombardeiros do mais bem aparelhado arsenal de guerra.

Isto para significar que não temos, longe disso, os meios de travagem da nova civilização em movimento que alguns resistentes ainda julgam ter. E não é que, aqui chegados, com a soma de

conhecimentos e até experiências que já temos, continuamos a abusar da passividade criminosa com que responsáveis políticos e simples cidadãos continuam a recusar abrir as janelas da história a esse vento que sopra, e a insistir na conservação do velho regime civilizacional, quase ao jeito de quem conserva em formol um corpo morto?

Aparte o gáudio com que nos adaptámos à nova linguagem tecnológica, e aos seus instrumentos – a TV, a Internet, o computador, o telemóvel – teimamos em não adaptar, nem fazer evoluir, a velha organização política e económica tradicional. Os mesmos poderes representativo, legislativo, executivo e judicial. O mesmo voto em urna, indiferentes ao disparo da sua rejeição. Os mesmos partidos políticos, indiferentes à sua crescente recusa. O mesmo modelo económico, indiferentes ao facto de ter produzido mais pobres, mais desempregados, mais analfabetos e mais excluídos por unidade de tempo do que jamais houve no Mundo. O mesmo modelo demográfico. O mesmo modelo ecológico. O mesmo modelo de segurança social, sem prejuízo da sua alarmante insustentabilidade a prazo. O mesmo protótipo de cidadão, apesar de nele ter deixado de caber o ser humano que as novas tecnologias produziram. A mesma, ainda que envelhecida, organização escolar. As mesmas autoridades espirituais, apesar do seu dramático deprecimento. Os mesmos valores éticos, cada vez mais desvalorizados. Inclusivé a maioria dos antivalores, dos tiques e das rotinas herdadas dos séculos precedentes.

3. É particularmente preocupante a passividade resignada com que vimos encarando os flagelos civilizacionais da explosão demográfica, da implosão ecológica, da tendencial escassez do emprego e dos combustíveis fósseis, enfim da globalização galopante. Isto é: os mais graves efeitos que a nova civilização já produziu.

Como referi, temos sido impotentes para travar a explosão demográfica. O número de viajantes da nave espacial que a Terra é, não pára de crescer. E o risco já referido de um salto brusco na esperança de vida, por manipulação do gene do envelhecimento, ou tão só por novos avanços da ciência médica e cirúrgica e da biologia molecular, ameaça continuar a neutralizar os esforços de contenção da natalidade global. Os grandes entraves ao êxito das campanhas de controle da natalidade continuam a ser a pobreza e a ignorância, sendo que as predições ético-religiosas, de sentido contrário, se revestem de um perigoso grau de desatenção e de permissividade.

Vale isto por dizer que, muito provavelmente, vamos continuar a ter de conviver com os efeitos da explosão populacional, com todas as suas funestas consequências.

Uma delas é o concomitante reforço do número global de pobres, analfabetos e desempregados. Outra, o reforço do peso do número de todos esses na sustentabilidade dos sistemas de segurança social.

Para além disso, cada ser humano, na sua relação com o próprio "habitat", é ao mesmo tempo um consumidor de produtos naturais não renováveis, e um predador de outros equilíbrios naturais de que, inclusivamente, ainda desconhecemos os segredos. Há pois uma íntima ligação entre o equilíbrio demográfico e o equilíbrio ecológico global. As actuais agressões à mãe natureza só em parte estão catalogadas. Já entrou no léxico corrente a referência às alterações climáticas, em particular ao aquecimento da atmosfera, ao efeito de estufa, às chuvas ácidas, à poluição atmosférica, nomeadamente por doses crescentes de CO₂, à destruição da biodiversidade, à desflorestação, à desertificação. A ignorância dos riscos ecológicos é hoje proibida. Sabemos, inclusivé, que factores produzem esses riscos. Mas estamos, até certo ponto, prisioneiros desses factores. Corrigi-los, exigiria sacrifícios colectivos que os dirigentes políticos não estão preparados para impor aos seus concidadãos. Como seria impopular, a imposição equivaleria à abdicação do poder. E são raros os que assumem deliberadamente perdê-lo. O nosso actual primeiro-ministro, cumpre reconhecê-lo, vem assumindo a postura de uma corajosa excepção.

Conferências sobre conferências internacionais, sob pressão da opinião pública mundial, adoptaram medidas salvadoras. Mas, por regra, ficaram no papel. E, que eu saiba, não se relacionam causalmente os dois fenómenos: a explosão demográfica e a implosão ecológica. Entre eles existe, no entanto, uma óbvia relação de causa-efeito.

Não paro de me admirar, e de inclusivamente me indignar, com o grau de colectiva indiferença com que estes fenómenos, de que depende a continuação da aventura da vida sobre a terra, são encarados pela generalidade dos cidadãos. Seremos a esse ponto irresponsáveis? Parece que sim!

Preocupante e subversora do "statu quo" laboral, é também a crescente escassez de emprego. Não obstante, a insistência em planos de pleno emprego é uma constante do programa eleitoral de todo o partido político que se preza. Como se Keynes não tivesse morrido há muito!

A verdade é que factores que não controlamos contribuem para que aumente a sua procura e diminua a sua oferta. Contribuem para que aumente a procura de empregos a explosão demográfica; a dilatação da esperança média de vida, com a correspondente posterização da idade da reforma; o crescente acesso da mulher ao mercado de emprego; a globalização do mesmo mercado. A população do Mundo cresce, há mais de vinte anos, à razão anual de oitenta a cem milhões de novos seres humanos. A esperança de vida cresce sem cessar. A mulher em geral, e a mulher árabe em particular, vai pressionar cada vez mais o mercado do emprego. Todos estes factores combinados, não deixam duvidar de que a procura global do emprego – e hoje os desempregados circulam livremente por todo o Mundo em demanda de um posto de trabalho – vai aumentar exponencialmente.

Factores que contribuem, e vão cada vez mais contribuir, para a tendencial escassez da oferta de emprego: a informatização, a computadorização, a robotização, e em geral a facilidade das comunicações e das deslocações. O computador compete com o ser humano na tarefa de decorar, de raciocinar, de calcular, de transmitir, e até de criar e executar obras de arte. E substitui-o, por regra, com economia de meios e de tempo, e com acréscimo de eficácia, rigor e segurança. Anima, além disso, robôs que cada vez mais substituem e dispensam, com vantagens apreciáveis, o esforço humano: físico e mental. A sociedade do lazer, sonhada como uma utopia sedutora quando a máquina a vapor substituiu trabalhadores fabris a preço mais módico do que o trabalho forçado ou mesmo infantil, ou mesmo escravo, está aí. Ainda a procissão vai no adro, e já, via internet, se compra, se vende, se fazem e movimentam depósitos bancários, se pagam impostos, se participa em reuniões, se dialoga com o antípoda, e inclusivamente se namora com quem se não conhece. Tudo isto sem sair de casa. Chegando sem necessidade de partir. É já, com algum significado, uma revolução laboral. Os mais cotados cientistas adiantam mesmo que tempo virá, e não muito longínquo, em que poucas serão as operações físicas, ou mesmo intelectuais, que não possam ser executadas com vantagem por um instrumento computadorizado cada vez mais inteligente, ao ponto de poder ultrapassar a inteligência humana e, inclusivamente, no ponto de chegada, dotado de sensibilidade. Sempre é verdade que "impossível não há", como já dizia o Quincas Berro de Água, figura célebre de um conto de Jorge Amado. Houve. Mas isso foi noutra civilização.

A sociedade do lazer pode ainda hoje ser encarada

como uma utopia sedutora? Talvez num imaginário ponto de chegada. Mas devo confessar que encaro com pânico os seguros contratempos do caminho até esse ponto. Que distúrbios sociais? Que violências? Que conflitos? Que actos de terror? Que guerras?

O salário é hoje o expediente mais difundido de distribuição da riqueza global. Sem emprego e sem salário, como se haverá de distribuir? Quem paga os impostos? Seremos, todos, pensionistas do Estado e espectadores da televisão, ou seja da vida através dela? Com que vantagens? O culto das artes? Com que defeitos? A preguiça física e mental? O computador já ganhou uma partida de xadrez ao campeão do Mundo. Que mais vitórias sobre a inteligência humana?

Preocupante é ainda a crise energética que se desenha. A escassez a médio prazo dos combustíveis fósseis, e o fim, já consumado, do petróleo barato, despertou o pânico num Mundo que precisa cada vez mais de energia, e que repousou insensatamente sobre o petróleo abundante e barato. Vira-se agora para novas alternativas energéticas – a eólica, a solar, a marítima, a atómica uma vez mais, a biomassa, nomeadamente os biocombustíveis – com a plena consciência de que arranca tarde. É sabido que o consumo global de energia explode, sendo que as energias alternativas mais pertinazmente perseguidas são dispendiosas, e que algumas delas dependem da disponibilidade de meios escassos. Têm no entanto a vantagem inestimável de ser, em regra, pouco poluentes.

Sabido como é que muitas guerras tiveram origem na ambição de domínio sobre as reservas de combustíveis fósseis – a última das quais ainda mata no Iraque – que ao menos o fim do petróleo, com novos combustíveis menos geradores de CO₂, e desejavelmente menos criadores de conflitos bélicos, nos compensem das dificuldades, económicas e outras, que a substituição seguramente nos vai criar.

Uma coisa é certa: a civilização do petróleo barato aproxima-se do fim. Fez as delícias da Sr.^a Thatcher através do petróleo do Mar do Norte. Fez a glória do Sr. Reagan através do petróleo do Alasca. Mas foi chão de uvas. O actual Presidente Bush teve de inventar um pretexto – aliás falso – para deitar a mão ao petróleo do Iraque. Esse ainda brota. Mas não será americano.

A nova civilização do séc. XXI será também a civilização das energias renováveis e moderadamente poluentes.

Última característica dessa civilização: o tendencial alargamento dos espaços políticos até à dimensão

do próprio globo. Daí o baptismo do fenómeno: globalização.

Tendencialmente, e sem visível recuo, tudo tende a globalizar-se: os espaços políticos, e inclusivamente territoriais; os próprios Estados herdados do séc. XVIII, através de movimentos irreversíveis de federalização; ainda que a prazo mais dilatado, as Nações organizadas nesses Estados, que lentamente se comunicam, se desidentificam, se mimetizam. A ver a mesma televisão universal; a receber as mesmas notícias de todo o Mundo; a circular cada vez mais livremente por todo o espaço terrestre; a ver os mesmos espectáculos; a digerir à pressa o mesmo "fast food"; a vestir as mesmas "t-shirts" e os mesmos "jeans"; a ver os mesmos filmes; a ler em tradução os mesmos livros; a copiar as mesmas modas; a mimetizar os mesmos costumes, as comunidades nacionais aproximam-se, irmanam-se, e progressivamente se fundem. Tempo virá em que ninguém dará um euro pelas identidades nacionais. Já são globais as informações, os mercados, as liberdades económicas e financeiras; as trocas; as bolsas; os "offshores"; as máfias do crime organizado. O que ainda não se globalizou, progressivamente se aproxima, se funde e se igualiza. A velha utopia do Mundo Só que já seduziu Sócrates, Alexandre Magno, os Césares romanos, Napoleão, Hitler, a Igreja Católica, Kant, Bentham, Wilson, Churchill, Wendel Wilkie, os génios criadores da União Europeia, e mais modernamente, Edgar Morin, está aí, em fase de irreversível concretização, em grande medida já concretizada. Não tanto em resultado de opções

políticas premeditadas. Mas em resultado de causas objectivas, com destaque para a espectacular facilidade das comunicações e das deslocações e para as facilidades proporcionadas pelas novas tecnologias em geral. Não tarda, e a pátria de cada ser humano será o Globo.

Como que de surpresa – somos especialistas em nos deixar surpreender – o Mundo ficou pequeno, devassado, intercomunicante, supra estadual, supra nacional. E uma Nova Ordem Mundial – política, económica, social, militar, civilizacional em suma – substituiu ou tende a substituir a Velha Ordem anterior à correspondente ruptura. Tivemos verdadeira consciência disso? Sim e não. Era difícil não nos darmos conta de tão profundas mudanças. Mas salvaguardando sempre as comodidades da nossa rotina.

Esse foi o nosso erro. Termos deixado que deslumbrantes inovações científicas e tecnológicas nos narcotizassem para a aceitação passiva, resignada, e sobretudo irreflectida, dos riscos que essas novas maravilhas comportavam. Perdemos o controle desse foguetão. Resta a esperança de que, ainda que pelo preço de algum sofrimento, acabe por nos conduzir a um razoável ponto de chegada.

4. Eis-nos, pois, com inevitável e dolorosa consciência disso, na nova civilização do séc. XXI. Na aurora do terceiro milénio, não viramos apenas mais uma página do grande calendário do tempo. Despedimo-nos de uma civilização e iniciamos outra.

Que benvinda seja!

António de Almeida Santos"

GALA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA

Foi o 1º Encontro promovido pela Reitoria da Universidade de Coimbra, nos dias 21 e 22 de Abril, começando o dia 21 pela habitual Missa na Capela, seguindo-se no auditório uma conferência e debate sobre temas diversos: "*Convém saber a verdade: o clima está a mudar*" (Prof. Doutor Carlos Fiolhais);



A assistência

"*Meios Informáticos*" (Eng. João Carreira) e "*Democracia directa versus democracia representativa*" (António de Almeida Santos) e, no final, um Sarau Académico participado pelas Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra.

A nossa Associação contribuiu fortemente com 73



A Poesia

espectadores e com a actuação do "Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra", na Serenata, e do Jorge Lino num momento alto de poesia, saudado pelos Presidentes presentes.

A noite, no Casino da Figueira da Foz decorreu o jantar de Gala, a actuação da "Tuna Académica Estudantina" e um Momento de Reconhecimento aos que prestigiam a Universidade, com saliência (e prémios...) para as AAEC.

No dia seguinte, após concentração no Paço das Escolas, formaram-se pequenas equipas que



A Serenata

percorreram as míticas ruas da Alta, em marcha e actividades a testar a resistência física dos menos jovens, terminando com um almoço no Polo III, onde todos se congratularam pela vivência fraterna daqueles 2 dias e felicitaram a Reitoria pela iniciativa.

Deste modo inesquecível começou a nossa Associação o seu Passeio da Primavera, que propositadamente integrou estes 2 dias em Coimbra, rumando, após as despedidas, para o Alto Minho.



Uma "valorosa" equipa



A foto da praxe

OS NOSSOS PASSEIOS

Lá Fora

I - CARNAVAL EM VENEZA

de 17 a 21 de Fevereiro de 2007

No primeiro dia juntaram-se no aeroporto os 54 foliões dispostos a ir a Veneza para participar num dos mais famosos Carnavais do Mundo e também dos mais antigos, já que foi instituído por decreto em 1094, governando então o Doge Vitale Falair.

A viagem não começou bem porque o *check-in* obedecia a uma modernice: fila única para toda a gente que partia. Resultado: imensa demora e extravio da bagagem de 20 dos nossos. Mas lá partimos, com destino a Bolonha.

Chegámos sem incidentes, almoçámos e fomos conhecer a cidade. Pequena (3700 mil almas), mas simpática e rica de património, do qual visitámos a Basílica de São Petronia (a sexta maior do Mundo), a Torre dos Asinelli, a Praça Fonte de Neptuno, a Igreja de Santa Maria dos Escravos e o Palazzo Re Enzo. Só não vimos a fábrica dos Maseratti, mas é lá que eles são feitos.

Ao fim da tarde seguimos para Veneza. Hotel em Veneza Mestre sendo necessário ir em autocarro até ao cais e aí apanhar o "vaporetto" para Veneza - Praça de São Marcos.

O dia seguinte, o segundo, foi todo passado em Veneza, formada por 117 ilhas, 150 canais e 400 pontes e inúmeros palácios setecentistas. Passeámos a pé pelo centro histórico, Praça de São Marcos, Palácio Ducal, Basílica de São Marcos e fomos até à

Ponte de Rialto. Muitos mascarados, vestidos a rigor, e sempre dispostos a deixar-se fotografar connosco ao pé. Para aderir ao ambiente, fomos ao guarda-roupa escolher as nossas máscaras, com que iríamos participar na opcional (Jantar de baile no Palazzo Cà Zen no dia 20 de Fevereiro) vestidos à moda do Século XVIII. E também andámos de gôndola, pois então! Foi só meia hora no Grande Canal, fazia mau tempo e os gondollieri não cantavam, mas foi divertido.

No terceiro dia fomos a Pádua, centro cultural e económico do Norte de Itália e ponto de peregrinação de milhões de pessoas que visitam a Basílica de Santo António, que data do Século XIII e onde o Santo tem o túmulo. O altar-mor é um magnífico trabalho de Donatello e, com as suas oito cúpulas bizantinas é uma das basílicas mais ricamente decoradas em Itália. Passeámos depois pelo "Prato della Valle", com muitas esculturas das personalidades do mundo cultural e artístico e seguimos para Verona, a cidade dos mais famosos amantes da história: Romeu e Julieta. Era indispensável uma visita à casa de Julieta e todos quiseram tirar fotografias junto da sua estátua (para dar sorte, era obrigatório colocar-lhe a mão sobre um seio). E os mais afoitos subiram até à janela de onde ela namorava com Romeu. O edifício do século XIII é uma grande atracção turística. Observámos ainda pelo exterior o Anfiteatro Romano mais conhecido como AArena, bem como o Palazzo Barbieri. No fim do dia, regresso e jantar no hotel.

Chegou finalmente a terça-feira de Carnaval (20 de Fevereiro). De manhã saímos para Veneza e fomos de barco para Murano, tendo podido admirar ao longo do percurso a Ilha de San Giorgio Maggiori, os jardins públicos, Santa Helena e o Lido. Assim que desembarcámos em Murano, ilha famosa em todo o mundo pelo seu vidro artístico, fomos encaminhados para uma fábrica de vidro onde, depois de termos podido apreciar o fabrico, tivemos oportunidade de adquirir as preciosidades expostas. Em seguida parámos numa outra ilha, Burano, famosa pelas suas rendas, que são um encanto para os olhos.

Mas aproximava-se o grande momento – os que iam participar no jantar e baile no Palazzo Cà Zen não cabiam em si de impaciência, para se ataviarem com as máscaras que tínhamos ido escolher. Ao hall do hotel começaram a chegar os arlequins, os pierrots e as colombinas, bem como damas da corte, doges e muitas outras fantasias.

Do nosso grupo de 54 apenas 21 corajosos é que foram ao baile. A noite estava gélida e chuvosa, mas a boa disposição era grande, cada um a olhar com curiosidade os disfarces dos outros e a tentar adivinhar quem se escondia por detrás de cada máscara. Um grupo de japoneses que estava no hotel achou-nos graça e disparava as máquinas fotográficas sem cessar.

Com as nossas saias de balão lá fomos de autocarro e de vaporetto, que nos deixou muito perto do Palazzo Cà Zen. Era um edifício antigo, bem decorado,



onde, quando chegámos, já se encontravam muitos mascarados, alguns muito bem vestidos. No hall foi servido um cocktail mais ou menos modesto e, na devida altura fomos encaminhados para um salão ricamente decorado, com frescos nas paredes e candelabros dourados, onde foi servido um jantar razoável. Durante o jantar um quarteto tocou música de câmara e teve lugar uma pequena animação, com dois actores a simularem a vida em Veneza no século XVII. Depois, houve algumas canções líricas. Foi bastante interessante.

Terminado o jantar, passámos à fase da dança – uns "professores" tentaram ensinar os mascarados a dançar o minuete, mas poucos eram capazes de lhe "dar o jeito" e acabámos numa sala de paredes brancas, totalmente despida de enfeites, que mais

parecia um barracão, sem uma única cadeira para nos sentarmos, a dançar músicas brasileiras. É claro que com os nossos fatos de saia de balão não se podiam dançar sambas e rapidamente telefonámos ao guia para nos vir buscar e transportar ao hotel.

E tudo se acabou na quarta-feira. Pequeno almoço, últimos preparativos, arrumar as malas e seguir para o aeroporto para apanhar o voo de regresso a Lisboa, onde chegámos pelas 14,00 horas.

Houve quem não gostasse da viagem, mas a grande maioria dos nossos colegas achou que tinha sido excelente, tendo sido dada nota máxima ao guia português que nos acompanhou durante todo o percurso. Pela minha parte, gostei muito!

Maria Isabel Soares da Costa

II – VIAGEM AO VIETNAME, CAMBOJA E LAOS

de 3 a 18 de Junho de 2007

Breve diário de uma viagem de sonho.

3/6 – Partida bem animada, grupo óptimo. Viagem com escala por Paris, em voo nocturno, como convém para se chegar bem fresco.

4/6 – Chegada a Hanoi. Instalação no *Sheraton*. Muito calor e alto grau de humidade, que as excelentes condições do hotel amenizam. Primeiro contacto com o caótico trânsito de motorizadas.

5/6 – Visita da cidade. Não pudemos fugir à visita do Mausoléu do Ho Chi Minh, tal como todos os vietnamitas. Mas os Pagodes e Templos, com relevância para o Templo da Literatura, que foi a primeira Universidade do Vietnam compensaram, e de que maneira! Viagem de *rikchó* pelas ruas de bairros típicos é experiência a não esquecer, dado o trânsito caótico das motos, com os *rikchós* pelo meio e em sentido contrário.

6/6 – Halong Bay, Património da Humanidade, é de uma beleza superior ao esperado: são milhares as ilhotas com vegetação luxuriante. O barco onde nos instalamos, o "Emeraud" tem o charme próprio da sua época, com latões reluzentes, e madeiras bem enceradas. Paragem para visitar, nas ilhas, umas grutas e um pagode bem no alto. À noite, um serão mítico, com a projecção do filme "Indochine mon amour" (e a Deneuve) no deck superior, rodeados pelo cenário natural do filme. Não esquecerá mais!

7/6 – Regresso a Hanoi, passando por intermináveis arrozais. Roupas feitas por medida em breves horas.

8/6 – Voo curto para Hue. Instalação no hotel "La Residence". Fabuloso (não exagero). Arte Nova na decoração. E a delícia das toalhas perfumadas à

chegada, para nos refrescarmos. E também o calor... Visita da cidade, que foi capital de 1802 a 1945. Centro intelectual e artístico é também aristocrática, com a sua cidade proibida, ao estilo chinês. Na cidade imperial, apesar de algo destruída, ainda se consegue imaginar o esplendor de outrora. O Pagode Thien Um, na margem do Rio Perfume, é maravilhoso. E nesse rio, as compras de sedas (a bordo do barco que nos transportou) com "passagem de modelos" de robes e pijamas, foram óptimas.

9/6 – Hoi An, cidade extremamente bem conservada; as casas de madeira das ruas dos comerciantes, transportam-nos para um passado distante.

Cidade de pintores, tem inúmeras galerias de arte.

É interessante como os habitantes gostam de partilhar o orgulho pelo passado, o que aumenta o interesse pela cidade, que não tarda será um dos principais centros turísticos.

E no hotel, situado na margem do Rio dos Perfumes, em luxuriante jardim tropical, o descanso merecido em quartos com requintes bem apreciados.

10/6 – Danang, visita ao museu, seguida de voo para Ho Chi Minh. Como antes, óptimo hotel. Jantar em restaurante requintado.

11/6 – Viagem pelo mítico delta do Mekong, agora em paz. Mercado flutuante de Cai-Be; almoço em restaurante local em que muitos não comeram...

Compras, para alguns, no mercado da velha Saigão.

12/6 – Cu Chi e os famosos túneis, obra prima de engenharia da sobrevivência. De volta à capital, a parte ocidental, a Saigão das avenidas largas, o colonialismo revisitado, a Catedral de Notre Dâme, o edifício dos correios desenhado por Eiffel, em contraponto com o típico mercado Cholon (mercado grande). E o óptimo pão, herança francesa!

Novamente um passeio de *rikchó*, e visita ao Pagode

da Senhora Celestial, protectora dos pescadores, sempre envolto em nuvens de incenso.

É o último dia num país que já não é nome de guerra, antes orgulhoso, acolhedor, delicado, muito bonito e que, decerto, será, em breve, um gigante asiático.

13/6 – Partida para o Cambodja.

Chegados a Phnon Penh, seguimos para Siem Reap (significa Sião Derrotado). Hotel da cadeia Raffles, o Grand d'Angkor, com imenso charme...

À chegada, novamente as delicadas meninas com toalhas húmidas e perfumadas, e sumos para nos refrescarmos.

E a esperada visita a Angkor, ainda mais esplendorosa que o imaginado. Restos da civilização Khmer no seu apogeu, bem guardados pela floresta. Visitámos o que resta de Angkor Vat (verdadeira maravilha) e Prasat Kravan, dois grandes complexos de templos Hindus e Budistas. Apenas restam os templos onde antes existiu uma grande cidade com cerca de um milhão de habitantes. A impressionante mole de pedra é decorada com torneados, estátuas e baixos-relevos de perfeição e pormenor notáveis. As apsaras, os reis e as batalhas representadas, parecem ter movimento próprio, e conseguem contar-nos toda a história da sua época, quase como numa gigantesca banda desenhada, que cobre todas as paredes.

Noite bem passada com o pianista do hotel a tocar para nós, com a Misé e a Graciette a ensinarem-lhe as canções.

14/6 – Angkor Thom, que também foi capital, com dez quilómetros quadrados cercados de muralhas. Actualmente é só uma colecção de templos, sendo o do Bayon, com os seus 172 gigantes rostos de Buda, o mais notável.

Ta Phrom, escondido ainda pela selva, onde as árvores crescem nas pedras de que parecem alimentar-se, é um local mágico onde, deambulando pela floresta, nos sentimos descobridores.

Ah! E a Alice a alimentar elefantes com bananas que cuidadosamente descascava...

À tarde passeio de *tuc-tuc* (*rikchó* motorizado) pela cidade. Sozinha, que com povo tão calmo e acolhedor não há receios. Interessante a cidade e o seu enorme Mercado Velho. Compras óptimas de pratas.

15/6 – Já no Laos, Vietname, após voo curto. Hotel óptimo em jardins luxuriantes.

Visita aos templos, de arquitectura bem diferente do já visto; pequenos, com pinturas e colunas douradas, telhados de grande pendente, e relevos com incrustações de vidro colorido nas paredes, escondem inúmeras estátuas de Buda. Destaque para o "Buda a chamar a chuva", sempre presente, de pé e braços ao longo do corpo, não parecendo necessário num país de inúmeros rios e floresta tropical...

E sendo tropical, nem os milhares de Budas de Wat Sisaket me ajudaram a superar os efeitos do intenso calor. Notável o Stupa That Luang de graciosos pináculos dourados, símbolo do país e representado na bandeira nacional.

Danças muito interessantes ao jantar.

16/6 – Luang Prabang – Novamente um hotel de categoria impensável neste país. Visita aos templos dourados. Sempre com explicações adicionais do Oliveira Rusconi, que não deixou em mãos alheias os créditos da sua agência. (Porque terá ido este italiano de Milão para o Laos?). A religião não perdeu força; há 32 templos recuperados na cidade, que tem ainda um certo charme francês e é, segundo a Unesco, das mais bem preservadas do Sudeste Asiático.

17/6 – Visita ao Palácio Real, hoje Museu Nacional, com boa colecção de objectos da Família Real, que souberam preservar. Mercado interessante, onde os vendedores nem chamam os compradores; limitam-se a expor as mercadorias, o que reflecte a doce cordialidade das pessoas num país lindo, que parece adormecido há séculos, e que deve ser um dos poucos onde se pode ainda conhecer uma Ásia que decerto desaparecerá em breve.

Partida muito atribulada para Bangkok, com o Ruas



Templo dedicado ao deus Vishnu



... e descobrimos Ta Phrom em Angkor Vat

a adoecer subitamente. Felizmente vamos sempre com muitos médicos! Em Bangkok últimas compras no aeroporto e o Ruas a descansar...

Chegada a Paris depois de voo onde já não houve tempo de beber o "Moet et Chardon" que pedi à tripulação (hospedeira que namorou um moço português e por isso gostou de nós), para festejar o aniversário do Zé Costa.

Saída em corrida (sentido literal) para outro terminal, onde confiscaram a garrafa. Já no avião prestes a descolar, faltava o Ruas, transportado por outro percurso. Como se impunha, não deixámos que o avião partisse sem ele. Tripulação de cabine muito

pouco simpática. O Comandante foi compreensivo. O Ruas estava já sentenciado a seguir no voo seguinte. Mas somos como os Mosqueteiros "um por todos, todos por um", e a Air France teve que se submeter à AAECL.

Com o Ruas já bom, quem sabe se pronto para outra declamação de poemas, como em tarde memorável nos degraus de um templo, terminou a viagem.

E apesar do percalço final, que contudo reforçou os laços de camaradagem e amizade que nos unem, será sempre, para mim, uma "viagem de sonho".

Maria Claudina Castel-branco

Crónica breve de longes terras do Oriente

A antiga civilização KHMER, com todo o seu esplendor, mais a história da luta dos povos da Indochina pela preservação da sua identidade e cultura, foram motivo de interesse bastante para um grupo de sócios da AAECL que quis, observando in loco, melhorar o seu conhecimento de factos marcantes da história antiga e contemporânea, rumando, para tal, à Indochina.

Em número não muito grande, o que sempre fomenta a coesão – e sob a asa protectora dum "anjo da guarda" chamado Claudina (o velho problema do sexo dos anjos...) lá fomos cantando e rindo ... (entre outras coisas, de MENOR INTERESSE, "Andava o Pai atrás da filha").

Chegados a HANOI lá tivemos, como primeiro passo da nossa aculturação, de ir prestar homenagem ao Pai da Pátria, HO CHI MINH.

Sob um calor tórrido esperamos longo tempo,

formados ordeiramente ao lado, à frente e atrás dos milhares de criancinhas que, para fortalecerem o seu sentido pátrio eram – e são, levadas, levadas sim.. etc. – etc. a olhar, com aqueles olhitos redondos e muito assustados, para a múmia de barbicha que, mesmo dali, continua a tutelar a vida do seu povo e a que este (e mais os turistas, a quem não é perguntado do seu interesse por tal) têm de continuar a fazer preito, mirando, logo a seguir, a sua casa, o seu abrigo, o seu escritório, o seu quarto, o seu rádio, o seu telefone, o seu capacete, o seu etc., etc., etc. Quem não quer não vai lá, Confúcio dixit. Com um curioso show de marionetas na água – por sinal muito suja – esgotaram-se os motivos de interesse de Hanoi.

Halong Bay é cenário único, com os seus milhares de ilhotas verdejantes por entre as quais se navega como se estivéssemos a jogar às escondidas.

Estava em programa fazê-lo num "típico junco vietnamita", mas que também ficou escondido, assim como três ou quatro "magníficos por de sol" estrategicamente espalhados pelo programa – quando não havia mais nada a espalhar – e que ninguém viu!

A Abreu ficou a dever-no-los, assim como a visita à plantação de Tang Cuong que nem guias nem polícias (?) a quem perguntamos, faziam a mínima ideia do que fosse ou onde ficava.

Quanto às grutas mais as "estalactites e estalagmites", desenhando belíssimos cenários, vão também para o rol dos créditos!

Para o rol dos créditos ia indo também a mala do Manuel Ferreira, esquecida a bordo e que, logo ali, deu motivo para uma versão adaptada do "Olha a mala, olha a mala, olha a mala do Manel, etc., etc."

A cidade imperial de Hué mais os imperiais túmulos foram, do ponto de vista monumental, o ponto alto da visita ao Vietname, uma vez que Saigão, hoje HO CHI MINH (sempre presente!), é uma cidade ocidentalizada, sem maiores motivos de interesse.

Os túneis de Cu Chi onde morreram milhares de combatentes de ambos os lados, hoje transformados em atracção turística com bonecos alusivos um pouco ridículos, deixam-nos uma sensação constrangedora na alma, bem como o mercado flutuante de Cai Be, que de mercado não tem nada e que é a conversão da pobreza extrema em motivo de atracção de "voyeurs", nos deixa uma sensação, esta bem conhecida, no estômago.

O Cambodja é Angkor – Para o bem e para o mal. A civilização que ali se desenvolveu ao tempo em que, por cá, o D. Afonso Henriques andava à espadeirada aos mouros e à mãe, terá sido magnificente, a julgar pelo que resta e que é muito, mesmo depois do muitíssimo roubado, até pelo futuro ministro da cultura francês, André Malraux.

A quantidade de hotéis que todas as cadeias internacionais ali têm ou estão a construir, com a consequente multiplicação das hordas de vândalos – eufemisticamente designados por turistas – fará mais, em breve tempo, pela perdição daquelas preciosidades do que a selva e os salteadores em dez séculos. Digo isto por um caso exemplar que presenciei: no templo de Angkor Vat – o mais impressionante: andava eu a percorrer uma zona esconsa e encontro um japonês a urinar displicente e copiosamente em pleno corredor! Claro que o

invectivei, como só eu sei fazer: chamei-lhe ... e ... mais ... seu ... e fiz menção de lhe mergulhar o nariz, no Mar Amarelo, enfim, desmontei o energúmeno que continuou a olhar para mim impávido, sem mexer um músculo. E foi-se! Repetir a diurese para outro local, certamente.

Sempre com boa disposição e espírito de convivência, à noite, após o jantar, aproveitamos a presença de um pianista (chinês também – é o chamado perigo amarelo!) que para nós tocou "Coimbra", para improvisarmos os nossos coros, com acompanhamento do chinoca que, após três tentativas, até já dedilhava razoavelmente "A oliveira da serra".

Para além de Angkor ficou-nos a imagem tocante das jovens de sorriso lindo e triste que punham as mãos em jeito de prece – para elas de agradecimento – quando lhe dávamos alguma coisa. Perfeitamente justa a designação que é dada ao Cambodja de o "País do sorriso".

E ao Laos nos fomos.

Não fosse o calor sufocante e a humidade opressiva, mais os milhares de Budas que nos obrigaram a ver quando já tínhamos visto milhões, seria um paraíso, tal a beleza natural e o encanto das pessoas.

Foi aqui, em Vientiane, et pour cause, que se deu o caso inesperado da nossa cordata, da nossa doce, da nossa boa Claudina ter claudicado! Teve um chilique! (Houve logo um malvado que resolveu fazer humor negro dizendo que a Claudina ... claudinou!)

Abanámo-la, ventilámo-la, aguámo-la, estendemo-la, responsámo-la e ela sorriu! Que mais esperávamos? Não estávamos cerca do "País do Sorriso", que é também o seu? Bem haja por isso e por tão bem saber fazer uso dele.

Vai mais longa a crónica do que se previa ou pretendia. Muito fica por referir, mas não a fraterna amizade e espírito de entre-ajuda presentes em todos os momentos da viagem, que nos fez mesmo atrasar uma hora a partida do avião para Bangkok para não deixarmos para trás o nosso Ruas, vítima, também ele, de um "chilique".

Paquim da Costa

III – VIAGEM À SICÍLIA, MALTA E GOZO

de 5 a 16 de Julho de 2007

No 1º dia, 5 de Julho, pelas 14 horas, concentração no aeroporto e primeiro problema: um dos participantes não tinha sido inscrito na viagem, por lapso e, por isso, não podia embarcar. Mas tudo acabou por se resolver e lá seguiu um grupo de 32 para esta viagem a Itália. Em **Fiumicino** (Roma) mudámos de avião e

continuámos para **Palermo**, onde chegámos já bastante tarde. No hotel aguardava-nos uma refeição ligeira.

No dia seguinte, visitámos a cidade de Palermo, com a sua Catedral, construída ao longo dos séculos (do XII ao XVI). Do tesouro da Catedral faz parte a tiara coberta de pérolas e pedras preciosas que pertenceu a Constança de Aragão, a primeira mulher de Frederico II de Hohenstaufen. Visitámos a Capela Palatina do Palácio Real, expressão mais representativa da arte normanda em Palermo, a Praça Pretória com a Fonte

Pretória, o Teatro Massimo e o Teatro Politeama Garibaldi. Visitámos também o Museu Arqueológico Regional, um dos maiores de Itália, onde se encontra o carneiro de Siracusa, obra em bronze de grande realismo, o palacete Chinês e a Igreja de São Cataldo e Santa Catarina.

Em **Monreale**, localidade perto de Palermo que foi residência preferida dos reis normandos, visitámos a catedral, uma das mais puras expressões da arte normanda na Sicília e a abadia beneditina com um belíssimo claustro com pequenas colunas geminadas que seguram arcos ogivais decorados com mosaicos e esculturas nos capitéis que são obra de artesãos bizantinos e árabes.

À tarde assistimos a um espectáculo no Museo delle Marionette, cujo tema eram as guerras entre os vários conquistadores da Sicília e onde apareceu pela primeira vez, como tradutor e intérprete, o guia que nos iria acompanhar até ao fim da viagem. Tratava-se de um siciliano típico – Giovanni – que falava uma mistura simultânea de português, castelhano, francês, brasileiro e italiano e que deixava muito a desejar no que se refere ao rigor ao rigor e exactidão das explicações. Era muito prolixo e por vezes o que dizia não tinha qualquer nexo, pelo que por fim até deixávamos de o ouvir.

No 2º dia, visita à estação arqueológica de **Solunta**, onde se têm descoberto muitos vestígios das civilizações que por aí passaram. Na subida, bastante íngreme, nem todos participaram e, no final, houve quem achasse que não tinha valido a pena subir. O calor apertava e tivemos a sorte de almoçar num restaurante muito agradável, ao ar livre, cheio de sombras proporcionadas pelas árvores e onde

também abundavam as flores. Atarde foi aproveitada por cada um da maneira que mais lhe agradou.

No 3º dia fomos ao longo da costa para **Cefalu**, povoação de origens muito antigas, podendo talvez datar da pré-história.

Visitámos a Catedral, em estilo romano-árabe, prosseguimos para a Piazza Armerina, com a sua catedral do século XVII, com características barrocas. À tarde e com uma temperatura de cerca de 40 graus teve lugar a visita à Vila Romana de Casale, Património da Humanidade, com os seus 3500 metros quadrados de mosaicos. A magnificência das decorações dos pavimentos tornou célebre em todo o mundo esta antiga mansão romana. Porém, dada a hora da visita e a temperatura tórrida, muitos colegas não participaram na mesma.

Continuámos para **Catânia**, onde fizemos uma breve visita panorâmica, com destaque para a Catedral, o Palácio Municipal, a Igreja de São Nicolau, o Anfiteatro Romano e o Teatro Bellini.

No 4º dia partimos para o **Desfiladeiro de Alcântara**, monumento natural de rocha basáltica originado pela erupção do vulcão Monte Moio, a cratera mais descentrada do Etna, por volta de 2400 antes de Cristo. Continuámos para a **Riviera dei Ciclopi** – a costa jónica ao norte de Catânia apresenta características únicas devido à influência do vulcão Etna e, assim, podemos ver no mar formações rochosas de diferentes formas a que foi dado o nome de Ciclopi.

Na tarde desse mesmo dia seguimos para a vizinha ilha de **Malta**, onde chegámos por volta das 23:30 horas. Em Malta, o trânsito faz-se pela esquerda (por influência inglesa) e, pelas primeiras impressões com



que ficámos, pudemos verificar que é tudo muito mais limpo e arrumado do que na Sicília.

No 5º dia visitámos a capital de Malta – **La Valetta** – e os seus principais monumentos. Prosseguimos para **Medina** e demos um longo passeio a pé pela parte medieval da cidade, tendo visitado a Catedral, e as Catacumbas, o Jardim Botânico de Santo Antão e a Igreja de Mosta, com a sua cúpula redonda de grandes dimensões, por onde entrou uma bomba de 500 kg no decurso da II Guerra Mundial (em 1942), que não chegou a rebentar. Na sacristia encontra-se uma cópia dessa bomba, em tamanho natural.

Ao 6º dia, seguimos para o porto e, depois de uma travessia de ferry, chegámos à Ilha de **Gozo** onde, de acordo com a lenda, Calipso teve Ulisses prisioneiro na sua gruta durante 7 anos, não o deixando voltar para os braços da sua legítima mulher – Penélope. Visitámos a gruta, os templos de Ogantija em Xaghra, a Cidadela em Rabat e a baía de Xlendi. A meio da tarde regressámos a Malta, novamente de ferry. À noite fomos ao restaurante Ta Marija, em Mosta, experimentámos as especialidades da gastronomia maltesa e assistimos à exibição de um rancho folclórico.

No 7º dia, de manhã muito cedo (só dormimos 3 horas) seguimos para o aeroporto para regressar à Sicília. Chegámos a Catânia e, como as condições do tempo o permitiam, fizemos uma excussão ao **Etna**, o vulcão mais alto da Europa (3350 metros sobre o nível do mar). Mais uma vez, nem todos os colegas foram até ao ponto mais alto. Alguns ficaram na Cratera Silvestre, que está a 1986 metros de altitude. Mas mesmo aqui, a paisagem é impressionante, com os seus tons de negro, cinzento e castanho. Depois, seguimos para **Taormina**, nos limites da província de Catânia, local de grande beleza e panorama magnífico. O teatro grego constitui o lugar de maior interesse turístico, graças à sua localização numa paisagem com vistas que vão até à costa da Calábria, à costa jónica da Sicília e até ao Etna. Continuámos o nosso passeio a pé pelas ruas estreitas de Taormina e daqui para **Messina**.

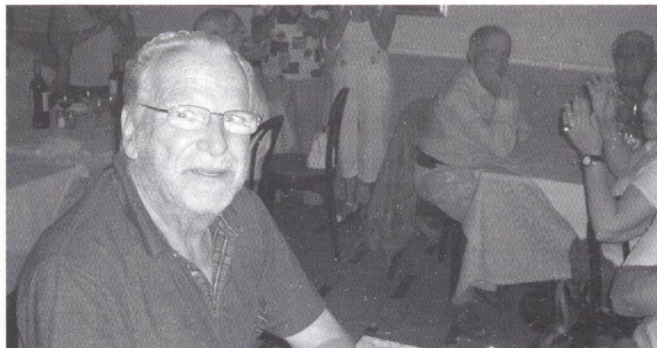
Ao 8º dia, como o estado do tempo era favorável, fomos de barco para **Reggio Calábria**, na Itália Continental, para visitarmos o Museu Nacional da Magna Grécia, onde apreciamos sobretudo as Estátuas de Bronze de Riace, que foram encontradas em 1972 na cidade marítima de Riace, a cerca de 120 km de Reggio Calábria e se pensa terem sido esculpidas no Século V A.C., e a cabeça do filósofo, talvez dos séculos VI – V A.C., encontrada na Baía de Porticello. Regressámos depois à Sicília e partimos para **Siracusa**, cidade de arte e de grande importância arqueológica e centro turístico de enorme interesse. Visitámos a catedral, com uma fachada do Século XVIII tipicamente barroca, a Fonte Aretusa (uma fonte de água doce que brota de

uma rocha próxima do mar), a Ilha de Ortigia, o Teatro Grego, o Anfiteatro Romano e a orelha de Dionísio. (assim chamada por Caravaggio, pois tem a forma de um pavilhão auricular e possui extraordinários efeitos sonoros).



O grupo no "pavilhão auricular"

No 9º dia, prosseguimos para **Modica**, conhecida pela sua arquitectura barroca. Aí chegados, o programa indicava uma paragem na "Chocolateria Bonajusto". Após uma longa caminhada sob intenso calor, chegámos a uma casa que apenas vendia chocolates e não os fabricava, ao contrário do que esperávamos ver. Continuámos para **Ragusa**, cujo centro histórico chamado "Ibla" possui características claramente medievais. Prosseguimos depois para **Agrigento**, onde visitámos o Vale dos Templos (que inclui os templos de Juno, Hércules, Castor, Pollux e o Templo de Zeus, um dos monumentos gregos mais bem conservados dos nossos dias).



O aniversariante do 9.º dia

No penúltimo dia, partimos para **Segesta**, onde visitámos as ruínas do Templo Dórico e do Teatro do Século III. Continuámos para Erice, famosa pelo Santuário de Vénus Ericina e pelo Centro Internazionale de Cultura Scientifica E. Majorana, fundado aqui na década de 60. Lugar muito bonito, com as suas ruas estreitas cheias de flores, a sua Igreja Mãe do Século XIV e a Igreja de S. João Baptista (com fachada do Século XIII). Aqui, com o calor abrasador que nos acompanhou sempre neste viagem, subimos tudo o que havia para subir, pois lá no alto, e para se poder desfrutar do panorama, estava marcado o almoço para o restaurante Ulisse. Mas para nossa grande desilusão: o restaurante estava fechado para férias. Depois de muita conversa, o guia

lá conseguiu que fôssemos almoçar a outro restaurante. Foi uma daquelas situações que é mesmo para esquecer. Depois, Trapani, onde se destacam as actividades da pesca e da extracção de sal. Houve visita panorâmica da cidade e das salinas e chegámos, por fim, a Palermo.

No dia seguinte, 16 de Junho, foi o regresso às nossas casas. Enquanto esperávamos no Aeroporto de Roma pelo avião que nos levaria a Lisboa, pedi a todos os colegas que escrevessem a sua opinião sobre a viagem e, na sua maioria, essas opiniões foram bastante desfavoráveis.

Mas temos sempre a esperança que a próxima viagem há-se ser melhor. Nem sempre todas as coisas correm bem, nem sempre os guias são bons, nem



O aniversariante do 9.º dia

sempre os hotéis e os restaurantes são os melhores, mas, no fim de contas, "errare humanum est", não é verdade?

Maria Isabel Soares da Costa

IV – VIAGEM AOS ESTADOS ESTADOS-UNIDOS

de 1 a 18 de Setembro de 2007

Chegada a Nova York por volta das 14,30 horas ao hotel; dado estarmos pouco tempo na «cidade das luzes» os grupos organizaram-se para fazer o reconhecimento da grande metrópole; subimos ao edifício Rockefeller, mais precisamente ao *Top of the Rock* para ver, agora já, a cidade à noite toda iluminada; ao extraordinário Edifício Crysler com uma cúpula belíssima; ao *Empire State Building*.

DIA 02/09 – Domingo

O *tour* da cidade acompanhado por guia foi o programa deste segundo dia de sol, levemente fresco de manhã: Alta Manhattan, Central Park, Strawberry Fields onde passeámos e recordámos John Lenon, ali depois da Rua 72, onde viveu o Beatle. Ida ao Lincoln Center e passagem pelo Metropolitan Opera House. De novo a 5ª Avenida, Dakota Apartments, Catedral de Sta John, Soho, Chinatown. O guia John,

cubano de nascimento, falava com sotaque do Brasil e acompanhou-nos em toda a costa Oeste.

Passámos pelo Harlem; pelo clube onde Woody Allen toca saxofone; por Greenwich Village (uma espécie de Bairro Alto de Lisboa); visitámos a igreja de St. Patrick, padroeiro dos irlandeses; pelo Museu Guggenheim com filas intermináveis; pela Ponte de Brooklin; pelo edifício das Nações Unidas sem bandeiras hasteadas por ser feriado.

À noite fomos ao espectáculo musical *Mamma Mia*. Muito alegre, giro ao som das músicas dos Abba.

Dia 03/09 – Segunda-feira

Partida para Filadélfia, cidade com poucos arranha-céus, fundada por William Penn e cidade aristocrata dos EUA; o seu nome quer dizer «Cidade do amor fraternal». George Washington está ligado a ela.

Visita ao Sino da Liberdade – símbolo da cidade, e ao edifício da Câmara Municipal imponente. Prosseguimos para Washington, passando por Baltimore, onde nasceu o poeta que compôs o hino norte-americano, em 1930.

Uma parte considerável dos viajantes da AAECL



Filadélfia

desceu as ruas da capital e foi ver a Casa Branca. Sentados num dos muros junto ao gradeamento, ninguém ficou indiferente àquela casa. O Presidente estava ausente e optámos então por falar com os polícias que estavam na sua missão de vigilância.

Dia 04/09 – Terça-feira

Saída para visita à cidade começando pelo Cemitério de Arlington. Local de reflexão, onde se pede silêncio. São perto de 3 km² de área, onde estão sepultados militares de todas as patentes das guerras em que se envolveram os EUA, a começar pela Guerra da Sesseção. Uma chama ardente junto à lápide de John F. Kennedy e Jackeline Kennedy Onassis (como consta). Impressionante o monumento aos mortos da 2ª Grande Guerra.

Washington é uma viagem ao passado, aos primórdios desta "jovem" nação. Vimos a estátua de Abraham Lincoln, o obelisco a George Washington, o memorial a Jefferson e a Casa Branca.

Tarde livre para visitas aos muitos museus: o Museu do Ar e do Espaço, a Exposição sobre as Descobertas dos Portugueses e o Museu de Arte Moderna (esculturas de Louise Nevelson, uma das mais representativas escultoras vivas dos EUA).

Dia 05/09 – Quarta-Feira

Rumo a Los Angeles, com escala em Houston.

O novo guia é o Elliot de quem fomos ficando amigos no decorrer da viagem, agora na costa Leste. Los Angeles é uma cidade enorme em todos os sentidos e tem cerca de 17 milhões de habitantes. É a 2ª maior cidades dos States.

Dia 06/09 – Quinta-feira

Visita a Hollywood, percorrendo as ruas a pisar as estrelas do Passeio da Fama; e os passeios onde vemos todos os anos a entrada das vedetas à espera do Óscar; visita ao Walt Disney Music Center realizado por Frank Gehry e terminado em 2003. Mandado construir pela mulher de Disney. É um edifício onde prevalece a madeira clara e aço.

Los Angeles chama-se, na verdade, Cidade de Nossa Senhora de Los Angeles. Muitas afinidades com o México. Visitámos a Praça Pueblo, tipicamente mexicana, à catedral ultra moderna da cidade (Estava lá a Rainha Santa Isabel); e dos 300 museus, fomos



Los Angeles, Museu Paul Getty

visitar o mais emblemático – Museu Paul Getty, considerado o melhor museu de arte privada do mundo. São nove edifícios concebidos em enorme harmonia com os jardins. O acesso faz-se por um mono-carril, pois não são admitidos carros. Os jardins são de arquitectura paisagística e a vista panorâmica excepcional; cada pavilhão tem o seu tipo de obras de arte: escultura, pintura, mobiliário da época do Império, fotografia e ainda preciosos manuscritos.

Dia 07/09 – Sexta-feira

Deixamos Los Angeles para nos embrenharmos no interior do deserto parando em Hadley, zona de muitos frutos secos, em Sizzler.

Dia 08/09 – Sábado

Saída às 7,30 h. Antes do Grande Canyon, passagem pelo Chamado Castelo de Montezuma (que nada tem a ver, mas o nome mantém-se). Faz parte da cultura Inca, é uma pequena capela escavada na rocha. Passámos em Riviera Drive atravessada pelo Rio Colorado. Nesse dia passámos de Estado da Califórnia para o do Arizona. Os cactos altíssimos do Arizona chegam a pesar mais de 4 toneladas.

Passámos por Sedona que é uma terra que atrai artistas plásticos (Mark Ernst esteve aqui a pintar) e local de meditação e de Arquitectura índia; e por Oak Creek Canyon. Aproximámo-nos de três cadeias importantes de montanhas: Montanhas Rochosas, Sierra Nevada e os Montes Apalaches. Entrámos numa reserva índia onde têm leis, chefes e uma jurisprudência especial. Os índios exploram casinos (Nevada é o único Estado onde o jogo é permitido).

09/09 – Domingo

Dia para o Grande Canyon e Monumental Valley.

Neste dia estivemos em três Estados – Arizona, Novo México e Utah. Estivemos no Deserto Pintado onde corre o Pequeno Colorado. O guia explica como eram feitas as casas octogonais de madeira e terra dos índios, os índios Navajo, os mais influentes, (chegaram em 1500, permaneceram 500 anos). Os índios autóctones de diversas tribos viveram vinte mil anos tranquilamente sem alterarem muito os seus modos de vida; ao contrário do que se pode pensar, os Navajo, os Sioux, os Cheyenne e muitos outros com nomes complicados são muito diferentes entre si. O seu "santuário" e o Monumental Valley.

De tarde os mais corajosos aventuraram-se numa ida de helicóptero sobrevoando o Grand Canyon. Disseram depois que era de cortar a respiração de tanta beleza e emoção.

Depois da visita ao Lago Powel (artificial), chgámos a Kanab. Kanab é a cidade dos Mormons, fundada em 1864. Memorável o *show* que teve como protagonistas elementos do nosso grupo, a fazerem uma cena de filme de índios, onde a Honorata e a Maria Fernanda se saíram muito bem sem esquecer os cowboys. Hilariantes as provocantes meninas do saloon. O casal Arnaldo/Maria José muito compe-

netrados no seu papel de pioneiros guiando uma caravana, bem como o casal Eduíno/Hélia (afanosamente lavava a roupa numa celha) estiveram ao nível de um merecido Óscar. Foi uma encenação perfeita e muito divertida.



Los Angeles, Museu Paul Getty

10/09 – Segunda-feira

Visita a Kanab, Bryce Canyon e Zion. Será o 4º dia no deserto e depois Las Vegas. Kanab foi uma pequena Hollywood a 3500 m de altitude, criada pelos irmãos Perry. Depois de 100 filmes tudo acabou. Visitas aos Parques Bryce e Zion. Há vários tipos de casas onde os índios viviam. Vegetação variada e milhares de espécies de aves. Atravessámos um túnel aberto em 1930 e que foi uma enorme obra de engenharia; não chega a 2 km, mas tem a particularidade de ter pequenas janelas para se poderem ver os canyons. Três horas de caminho até Las Vegas, onde chegámos ao fim da tarde. Toda a cidade é de uma dimensão e exuberância até ao extremo. Visita nocturna de 3 horas, passando também pela cidade primitiva o chamado down town em todas as cidades.

Pode haver sentimentos diferentes sobre o esplendor ou novo-riquismo de Las Vegas, mas ninguém pode ficar indiferente. Os hotéis italianos que visitámos são os mais belos e requintados e é impossível, aqui, falar nas maiores fantasias que os nossos olhos viram, passando pelos leões no MGM na hora da refeição dentro de enormes jaulas de vidro até ao fabuloso chão todo em mosaicos do Hotel Belucci e os tectos com flores de vidros de Murano. Já no exterior milhares de pessoas ao som da voz de Céline Dion viram um show de repuxos de água, no Hotel Mirage a que se seguiu um espectáculo de fogo de artifício. Todos os hotéis são também casinos e as mesas de jogo e slot machines estão por todo o lado. Todos tentavam a sua sorte.

Dia 11/09 – Terça-feira

Las Vegas, cidade de fantasia – dia livre para a fantasia de cada um.

Dia 12/09 – Quarta-feira

Partida com destino a Fresno e depois São Francisco. Atravessámos mais um deserto a 900 metros de altitude. Das 20 maiores cidades dos Estados Unidos, quatro estão localizadas na Califórnia: Los Angeles, São José, São Diego e São Francisco. A região sul da Califórnia é densamente povoada, sendo Los Angeles e São Diego duas das quatro maiores cidades do Estado. Dia para uma viagem de 630 km. Passámos por Beckersfield e parámos numa cidade fantasma de nome Calico. Na época das minas de prata foi próspera. Hoje, a cidade fantasma foi aproveitada como parque de diversões. Tudo ficou exactamente no sítio como era quando ali viviam pessoas. A igreja lá no alto, o saloon com o pianista, a estação, as pequenas lojas e não podia faltar o xerife que se deixa fotografar com as turistas. Acaba-se a paisagem de montanha e entramos no Vale Central, zona agrícola. Chegada a Fresno 600 Km nos separavam de S. Francisco.

Dia 13/09 – Quinta-feira

Visita ao enorme Parque Natural de Yosemite, Património da Humanidade. A rocha mais alta chama-se El Capitán. Seguimos para o vale de S. Joaquim, um dos mais produtivos do país e do mundo. A paisagem da Califórnia é muito variada: neves, praias, montanhas, desertos e vales. Regresso ao bus. Para amenizar os quilómetros que faltavam para S. Francisco fiz uma pequena intervenção sobre os primeiros 22 Presidentes dos EUA. Passámos por Oakland que tem um porto importante e que está ligada por uma ponte a S. Francisco, a baía de S. Francisco seduz de imediato, de um lado o Oceano Pacífico e do outro a baía, que termina com a cidade de São José, com mais habitantes mas menos importante. O hotel Sir Francis Drake fica numa rua íngreme onde passa o famoso eléctrico. Havia no programa um passeio de limusina com champanhe que vários casais do nosso grupo quiseram fazer. Outros apenas passearam pelas ruas circundantes ao hotel.

Dia 14/09 – Sexta-feira

Visita à cidade. Em 1776 a actual S. Francisco era um presídio espanhol de nome Yerba Buena, dependia da Espanha até 1821, depois passou para o México. Em 1946 foi ocupada pela Marinha dos Estados Unidos sendo então baptizada de São Francisco.

S. Francisco tem 43 colinas, com 7 principais. Há o Bairro Chinês, o Bairro Francês. Vimos a catedral de St. Mary que tem 100 anos. Bonitos mesmo são os prédios vitorianos com pequenas fachadas pintadas de azul claro, as madeiras são de sequóias que abundam na região. A Ilha de Alcatraz vê-se bem. Deixou de ser prisão em 1963. Hoje é um museu.

Há outra catedral, a de Santa Maria da Assumpção, sagrada em 1972, projecto de um italiano que mandou ir o órgão de Pádua. Tem uma atmosfera de silêncio, embora se abram janelas para a rua. Passámos pela primeira casa de Marconi. Twin Peaks

fica a 11 quilómetros da cidade. Há muitos anúncios com caracteres asiáticos. Neste momento estão a fazer mais uma ponte em S. Francisco.

Visita a Salsalito e um Cruzeiro na baía de S. Francisco com jantar, com a possibilidade de ver a Golden Gate de todos os ângulos.

Dia 15/09 – Sábado

Dia para visitar Carmel, Monterrey e Santa Maria. Esta zona é das mais afectadas pelos terramotos nos EUA devido às falhas geológicas. Chegada a Monterrey, onde há bosques com as borboletas «monarca». Junto ao mar, há focas e lobos-marinhos e, mais longe, baleias. Passámos pela única estrada dos EUA que é privada e que tem de se pagar por pessoa. São 17 milhas que nos levam a Carmel.

O escritor John Steinbeck nasceu e viveu aqui, onde tem um busto. A Cannery Row é provavelmente a rua mais percorrida de Monterrey. Tem um ambiente europeu, é calma e belíssima. Tínhamos de ir ver o famoso cipreste na praia de Pebble Beach. (The Lone Cypress). Aqui há campeonatos de golfe.

Dia 16/09 – Domingo

Regresso a Los Angeles, com passagem por Santa Bárbara. São 168 milhas. Nas tabuletas são muitas as

idades com nomes espanhóis, onde houve missões. É o chamado Camiño Real. O Texas é o maior estado dos EUA com uma extensão maior que a Alemanha e a Polónia juntas e tem uma história ligada ao México. Santa Bárbara é um pouco do Paraíso. Sendo chamada a «Riviera da Califórnia». Visitámos uma missão e uma igreja.

Chegada a Los Angeles e jantar de despedida com muitas trocas de e-mails e telefones e brindes com vinho tinto, perto de Beverly Hills (rodeado das melhores lojas e marcas do mundo). Pelas contas feitas pelo guia e motorista, percorremos 4 996 km só na costa Leste. Falta somar a costa Oeste.

Dia 17/09 – Segunda-feira

Último pequeno-almoço em Terras do Tio Sam.

Partida rumo a Nova Iorque, para iniciar a viagem de regresso (viagem para ler e dormir). Mais despedidas e o começo de novas amizades. Quem sabe?

Dia 18/09 – Terça-feira. Chegada a Lisboa

Luisa de Paiva Boléo

com a colaboração da *Antónia Nascimento*

Cá Dentro

I - PASSEIO DA PRIMAVERA - AO ALTO MINHO

De 21 a 25 de Abril de 2007

Após a participação na **I Gala do Antigo Estudante de Coimbra**, em Coimbra, o nosso Passeio começou em **Viana do Castelo**, com visitas especiais à Igreja Matriz, à Misericórdia, ao Navio "Gil Eanes" e ao Monte de Santa Luzia; continuou para **Vila Nova de Cerveira**, com visita ao centro histórico e almoço regional; para **Valença** e a sua fortaleza; **Monção** e o seu castelo; **Melgaço**, com visitas ao castelo, à Igreja Matriz, à Igreja da Sr.^a da Orada e ao Museu do Cinema e prova de vinhos no "Solar Alvarinho"; para **Castro Laboreiro, Sr.^a da Peneda, Soajo, Lindoso, Arcos de Valdevez e Ponte de Lima**, com visitas aos monumentos e museus.

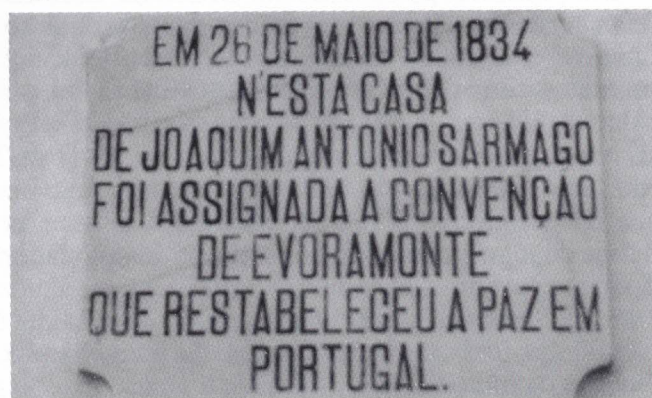
No último dia (25 de Abril), após o almoço de despedida em **Vila Nova de Famalicão**, regressámos a Lisboa com a sensação unânime de que, embora um tanto exaustiva, foi uma digressão culturalmente rica e de agradável convívio.

I - PASSEIO DO OUTONO - AO ALTO ALENTEJO

4 a 7 de Outubro de 2007

Decorreu de 4 a 7 de Outubro, com 102 Sócios, num clima de harmonia e boa disposição, desfrutando da estadia sempre em Évora, com digressões turísticas, culturais e gastronómicas de satisfazer o mais exigente.

Na verdade, para tal contribuíram as visitas (guiadas por guias locais) a **Evoramonte**, ao **Convento do Espinheiro**, a **Olivença**, ao **Convento de S. Paulo** e ao **Palácio de Vila Viçosa**; os concerto de música barroca na Capela do Convento do Espinheiro, o espectáculo de bailado moderno pela "**Amálgama**" no Convento de S. Paulo e as visitas às cerâmicas do **Redondo** e aos tapetes de **Arraiolos**, tudo reconfortado com os requintados jantares nos hotéis referidos conventos e variados almoços regionais em **Estremoz** e Vila Viçosa.



OS 120 ANOS DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

Falar dos 120 anos de história da Associação Académica de Coimbra é lembrar os momentos que construíram a identidade desta instituição única, sem nunca nos esquecermos das dezenas de gerações de estudantes que os tornaram possíveis. Sem destacar nenhum deles, momentos e pessoas, porque todos são importantes.

Uma "casa" como a nossa Académica não se construiu por algumas datas que por tradição temos tendência a lembrar com maior ênfase, constrói-se diariamente com o contributo de todos aqueles que militantemente dedicam horas, dias e vidas a servir a causa da AAC. A maior homenagem e comemoração possível nos 120 anos da AAC é pois para os construtores abnegados do sonho colectivo que é a académica, os de hoje e os de ontem.

É nosso objectivo que as comemorações dos 120 anos da AAC não se cinjam a um conjunto de iniciativas festivas de carácter recordativo. Certamente que queremos recordar a história mas com o objectivo de motivar mais estudantes a contribuir para a sua construção futura, nas secções, nos núcleos, nos grupos e organismos autónomos.

Outro objectivo que está subjacente ao projecto dos 120 anos que estamos a desenvolver é redimensionar o nome da Associação Académica de Coimbra no plano nacional, encontrando diferentes mecanismos que permitam a divulgação da sua produção cultural,

do seu papel desportivo e do seu carácter interventivo.

Para além da Utopia, pode parecer para muitos sinónimo de algo impossível ou irrealizável, para a Associação Académica de Coimbra é a frase que penso melhor sintetizar o passado, o presente e esperamos que o futuro desta instituição.

Se pensarmos nas gerações que nos antecederam encontraremos muitas causas que abraçaram e que foram consideradas e baptizadas por outros de utópicas. Se recordarmos a história veremos que muitas delas se concretizaram. Exemplo flagrante foi a luta pela autonomia da Universidade e a participação dos estudantes nos seus órgãos de gestão. Princípios que hoje estão a ser postos em causa e que temos a responsabilidade de defender. Unidos a uma só voz temos de ser capazes de impedir que destruam direitos conquistados por gerações que tiveram a ousadia de ir para além da Utopia.

Despertar em todos os estudantes e antigos estudantes a vontade de contribuir com os seus sonhos e utopias na construção da Académica do presente e do futuro é o mote das comemorações dos 120 anos da AAC.

Joel Vasconcelos

Presidente da Mesa da Assembleia Magna da AAC
Responsável pelas comemorações dos 120 anos da AAC

DOUTORAMENTO "HONORIS CAUSA" PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA DE ANTÓNIO DE ALMEIDA SANTOS

A 9 de Dezembro, na Sala dos Capelos, decorreu o doutoramento *honoris causa* do nosso ex-Presidente da Mesa da Assembleia-Geral, Dr. António de Almeida Santos, por proposta da Faculdade de Direito. O Padrinho foi o Prof. Doutor Gomes Canotilho (elogiado pelo Prof. Doutor Pinto Monteiro) e a apresentação esteve a cargo do Prof. Doutor Avelãs Nunes, cuja dissertação, longa e abrangente, continha os seguintes excertos:

"No que toca à Universidade de Coimbra, a tradição é um factor de identidade, é o alimento da nossa coesão, da nossa capacidade de afirmação, da nossa força para construir o futuro. A tradição é, pois, na Universidade de Coimbra, caminho do futuro, não saudade do passado."

...

"Mensagem de futuro é a que nos transmitem as várias Associações de Antigos Estudantes de Coimbra espalhadas pelo País, bem como a Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra, organizada pela Reitoria, que já conta com milhares de inscritos.

Mensagem de futuro é a única que pode esperar-se da nossa AAC, com a juventude dos seus 120 anos."

...
"Em tom de brincadeira, Almeida Santos costuma dizer de si próprio que é "um homem de cabeça". Porque nasceu na aldeia de Cabeça, logo acrescenta. Mas não só por isso, acrescento eu, o nosso homenageado de hoje é um homem de cabeça. A sua vida pessoal, profissional e política é a prova provada de que estamos perante um homem

inteligente e culto, trabalhador e disciplinado, exigente consigo próprio, dotado de rara capacidade argumentativa, qualidades que justificam os êxitos que alcançou em todas as actividades em que empenhou a sua vida e nas quais alcançou sempre posições cimeiras."

...
"António de Almeida Santos tem sido, como se vê, um homem de acção. Mas foi sempre, também, um homem de estudo e de reflexão. E um homem de escrita. "Precisei sempre da escrita para me sentir realizado", diz ele com frequência. E a verdade é que começou a escrever muito cedo, ainda estudante de Coimbra (contos, livros de Direito, ensaios) e não mais parou, dando à estampa mais de duas dezenas de livros, antes e depois do 25 de Abril, alguns com honras de apreensão pela Pide."

...
"Andou bem o senhor António de Almeida Santos em ter escolhido o Prof. Doutor Gomes Canotilho como garante dos seus merecimentos para ser recebido como Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra. Fez a escolha acertada.

Por isso, Magnífico Reitor, estou certo de que, apesar de o meu argumento ter ficado longe daquilo que António de Almeida Santos justificava, os méritos do padrinho que escolheu bastarão para que V. Ex.ª lhe conceda as insígnias doutorais a que aspira. E não tenho dúvida de que, honrando-o, V. Ex.ª honrará a Universidade."

Da justiça desta imposição das insígnias doutorais falou o Prof. Doutor Pinto Monteiro, ao fazer o elogio do Padrinho (tradição da Universidade), nos seguintes termos:

"Mas permitam-me que dedique um simples instante a António de Almeida Santos para lhe dizer que há muito o consideramos um Homem de Coimbra e um Homem da Casa. Almeida Santos traz a cidade consigo e, muito particularmente, sempre, a sua Universidade e a sua Escola: a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

É um Amigo da Casa, que a honra e a dignifica por onde tem passado, sempre reconhecido e grato à Escola que o formou. É por isso de inteira justiça, corresponde a uma "política da justa memória" (dizendo-o com Paul Ricoeur e Gomes Canotilho), de uma memória viva e presente, homenagear António de Almeida Santos.

Ao fazê-lo, por proposta da Faculdade de Direito, a Universidade de Coimbra cumpre um acto de justiça. Recordando um dos velhos — mas sempre actuais — iuris praecepta, diria que, doutorar "honoris causa" António de Almeida Santos, é cumprir o "suum cuique tribuere", é atribuir ao candidato o que lhe é devido, o que é justo e ele merece."

Na sua oração, o Doutorado começou por confessar: *"Não me custa reconhecer que fui um razoável advogado, um não muito mau político, um aceitável parlamentar, um prolífico legislador e um responsável cidadão. Quase me esquecia de que também escrevi livros com ideias dentro, sem porém ter granjeado o estatuto de escritor. Mas confesso aqui à puridade que trocava os milhares de páginas que escrevi por um poema, um conto e uma página do diário do meu saudoso amigo Miguel Torga.*

Houve sempre um "plus" inatingido, e apesar de tudo atingível. Mas o que com estas e outras limitações logrei ser, devo-o aos meus Mestres, à minha Faculdade de Direito, à minha Universidade, em última "ratio" a esta Coimbra em cuja magia se frequentam vários cursos complementares que vão do culto da beleza ao culto do conhecimento, da inovação, da inquietação e do desassossego.

É assim fácil imaginar com que ponta de orgulho vi mencionadas, entre as razões da concessão da laurea doutoral, os meus sentimentos de reconhecimento, veneração e afecto para com a Faculdade de Direito que a fortuna me proporcionou. Foi assim que eu, de meu natural avesso a distinções, recebi o anúncio desta com sincero desvanecimento. Justificado ainda, além do mais, por vir apresentado e apadrinhado por um tão alto e prestigiado Mestre do direito público e constitucional, e de ter sido encarregado da "laudatio" do postulante que sou — proibido pois de dizer mal de mim — outro grande e prestigiado Mestre do mesmo ramo jurídico.

A minha vindima aproxima-se do fim. Meia vida a sonhar com a liberdade e a lutar por ela. Meia vida a vivê-la e, quando foi caso disso, a defendê-la e a consolidá-la. Aí a temos, em toda a sua glória."

Dissertando sobre essa sua "luta" nas várias vertentes, terminou com:

"Disto e algo mais retiro eu a visão preocupada, e talvez preocupante, do futuro do Mundo. Decerto a partir de constatações semelhantes, sentenciou Bobio que "o pessimismo é hoje um dever cívico". Cumpro galhardamente esse dever. E peço perdão à minha Faculdade de Direito, à minha Universidade, a esta tão formosa Coimbra, "ex-libris" do conhecimento e do saber, e a todos V. Excelências, cuja presença me desvanece, por esta oração que o grande Marquês de Pombal quis "breve e elegante", não ter podido ser ainda mais breve, e acolher a elegância que costuma andar ligada às visões optimistas e encantatórias do melhor dos Mundos possíveis."

O Presidente da Assembleia-Geral, Chichorro Rodrigues e eu estivemos presentes, como convidados da Reitoria, tendo tido oportunidade de felicitar o Doutoramento em nome e representação da nossa Associação.

A mim coube-me ainda usufruir de uma manifestação da Amizade pessoal do Doutoramento, participando no almoço que ofereceu aos "Amigos" (éramos mais de 100...) na Quinta das Lágrimas. Foi, sem dúvida, um acontecimento académico

nacional (presenças dos Presidentes da Assembleia da República, do Tribunal Constitucional e do Supremo Tribunal de Justiça, do Ministro da Justiça, do Procurador-Geral da República e dos Conselheiros de Estado Gen. Ramalho Eanes e Mário Soares, entre outros); mas, acima de tudo, um momento histórico da nossa Universidade e da Academia de Coimbra.

Maria de Fátima Lencastre

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

I - "UMA ESTÓRIA DA NOSSA HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS" – DE ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

27 de Junho de 2007

A nossa Tertúlia de 27 de Junho foi preenchida com uma palestra do Prof. Onésimo Teotónio Almeida, da Brown University (USA), seguida da apresentação do seu último livro, *As Aventuras de um Nabogador*, pelo escritor e eminente crítico literário Prof. Eugénio Lisboa.

1. Onésimo T. Almeida, já muito nosso conhecido e apreciado pela vasta cultura filosófica e literária que se reflecte na sua obra de escritor, ensaísta e conferencista, associada a um poder de comunicação e sentido de humor irresistíveis, dissertou desta vez sobre as lendas e fantasias historicizantes tecidas acerca do descobrimento da América pelos portugueses, cuja síntese, pelo próprio elaborada a nosso pedido, transcrevemos abaixo:

"Um(a) pe(dra) na América

Quando eu era estudante dizia-se que resumo de resumo dava chumbo. Ora o que eu fiz em Junho passado em mais um gostosíssimo encontro na AAELCL foi resumir uma longa história. Ao pedirem-me agora que a resuma por escrito, fico com a sensação iminente de um merecido chumbo. Mas porque não poderia de modo nenhum negar-me a um serviço solicitado por gente que considero amiga, aqui vai.

* * *

Na segunda década do século XX, Edmund Delabarre, Professor de Psicologia na Brown University, em Providence, Rhode Island (EUA) interrogava-se sobre a questão da subjectividade do conhecimento. William James, com os seus dois grossos volumes de *Principles of Psychology*, tinha trazido a questão do ponto de vista para a arena dos

debates teóricos da então emergente psicologia experimental. Delabarre interessava-se por casos a partir dos quais se pudesse demonstrar que o nosso conhecimento é distorcido e perturbado por conhecimentos prévios, significando que a nossa mente não está completamente nua, feita tabula rasa, à mercê das experiências empíricas coligidas pelos sentidos, como pretendiam os empiristas mais radicais. Tendo por acaso tido notícia de algumas linhas da nossa história que referiam as viagens dos irmãos Gaspar e Miguel Côrte-Real para o Ocidente e, sabendo da existência de uma pedra no rio Taunton (Massachusetts) - conhecida pelas suas inscrições que haviam sido fonte de debate entre quem defendia a sua origem como sendo índia, inglesa, viking, ou ainda francesa - pôs-se a estudar o caso atentamente. Não demorou muito a concluir estar diante de um exemplo típico da influência das crenças sobre a percepção sensorial no acto do juízo. Delabarre, que fora aluno de William James em Harvard, publicou, por exemplo, um longo estudo sobre a influência dos objectos circundantes na aparente direcção de uma linha.

A história que se segue é conhecida e sobre ela já escrevi nos jornais (e participei infelizmente numa famigerada polémica). De qualquer modo, não teria espaço para deslindá-la aqui. Bastará frisar que o psicólogo-feito-historiador Delabarre estava afinal a ser vítima da sua própria teoria e, paradoxalmente, a confirmá-la com um seu erro histórico. Porque sabia da viagem de Miguel Côrte-Real, e da hipótese de ter ele atingido as costas da Nova Inglaterra quando saiu em cata de seu irmão Gaspar, perdido nos mares da Terra Nova, Delabarre acabou por "ver" na pedra o nome do navegador. E tão ilusório foi o seu entusiasmo que chegou também a decifrar nos

rabiscos da pedra a frase *V Dei hic dux ind* por ele interpretada como *Voluntate Dei hic Dux Indorum* (Por vontade de Deus aqui Chefe dos Índios). Daí adveio a teoria de Miguel Côrte-Real ter casado com uma índia e deixado descendência mestiça.

Intervieram então os historiadores em Portugal que, apoiados nos conhecimentos dos epigrafistas, já haviam reagido declarando a caligrafia do nome, entrevista por Delabarre, como impossível de ser autêntica por causa da diversidade de estilos. Foram de novo os historiadores pátrios que, em vez de embandeirarem em arco, tiveram de lembrar ao psicólogo americano que nem os Côrte-Reais nem os outros navegadores portugueses sabiam latim. Delabarre retrocedeu reconhecendo que tinha ido longe de mais.

Mas afinal o psicólogo fora de facto demasiado longe não apenas na visão da sua miragem em latim como também em toda a sua interpretação das inscrições da pedra.

O que é então possível apurar-se com alguma certeza, pelo menos tanta quanto se pode ter sobre factos históricos?

Os dados estão todos publicados em revistas e livros portugueses e anglo-americanos de grande reputação no campo da história. Por sinal estão de acordo entre si quanto ao essencial. Sobre o que aos irmãos Côrte-Real especificamente diz respeito, temos muito recentemente um número especial da revista *Oceanos*, publicada pela Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, em comemoração dos 500 anos da chegada de Gaspar Côrte-Real à Terra Nova. Vários historiadores revisitam aí os dados hoje conhecidos (infelizmente não se avançou muito neste sector). Por certo, certo, temos então: que os portugueses se lançaram na busca da passagem pelo Noroeste a caminho de Cipango e Cathay, tendo sido feitas várias tentativas

a partir dos Açores. Que Gaspar Côrte-Real chegou à Terra Nova em 1501, pouco depois de John Cabbot, que a avistou em 1497 mas aparentemente não a visitou. Que Gaspar iniciou a sua exploração tendo enviado uma nau (ou talvez duas, segundo um dos testemunhos da época) a dar notícia do facto a El-Rei D. Manuel I e, depois, desaparecido sem deixar rasto. (Disso há registo seguro no famoso e belo mapa de Cantino, de 1502). Que o seu irmão Miguel, após duas tentativas goradas, obteve finalmente autorização do rei para ir em sua busca. E, finalmente, que Miguel Côrte-Real saiu de Lisboa em Abril de 1502 para nunca mais dele se ter notícia. Fui mais longe na minha charla. Integrei esta narrativa numa breve análise do romance *Leaving Pico*, do luso-americano Frank Gaspar, que, sem conhecimento do acima narrado, põe uma das personagens do seu romance a inventar uma descoberta da América pelos portugueses. Explorei a partir daí o tema da procura de legitimação da presença portuguesa na América do Norte que os nossos imigrantes mais ou menos inconscientemente fazem ao agarrarem-se a mitos com base em hipóteses e quase-factos mas que lhes asseguram de algum modo o direito de existirem naquela terra com a mesma legitimidade dos viajantes no *Mayflower*.

Onésimo Teotónio Almeida"

2. Seguidamente, Eugénio Lisboa, eminente escritor, ensaísta e crítico literário, apresentou o último livro de Onésimo T. Almeida, *As Aventuras de um Nabogador*, onde o escritor junta engenhosamente a realidade e a ficção em planos distintos das suas narrativas, mas em que verdade e fantasia se indistinguem.

Eduino de Jesus

II - "FALAR DO JOSÉ AFONSO DOS SANTOS – O ZECA – O TORGUPÊS" – POR CARLOS COUCEIRO

15 de Novembro de 2007

Deixaram-me um A4 para nele por uma resenha de uma Palestra que fiz na A.A.E. de Coimbra em Lisboa sobre o José Afonso dos Santos – o Zeca – o Torgupês. Não se me vai ser fácil ... como justo será aceitá-lo.

Procurarei dizer do Zeca da nossa Juventude. Trazer-vos, aqui, o moço que, já então, caminhava à frente do Tempo! As normas da época sufocavam-no. Viveu o é "proibido proibir", muito antes da revolta estudantil de Maio de 68, em Paris.

O seu despojamento material só mais tarde os "hippies" imitaram: "*all you need is love*"!

Nada direi, do que tão bem conhecem, daquele músico excepcional e poeta complementar que criou um canto novo, a balada, de um renovado e aprofundado lirismo popular, quando admitiu que o "fado", melhor: a canção de Coimbra ficara para ele exaurido. ... Depois, voltou à Canção de Coimbra.

Descobri a sua voz antes de tantos outros a ela se haverem acolhido. Uma voz fraca de humaníssima

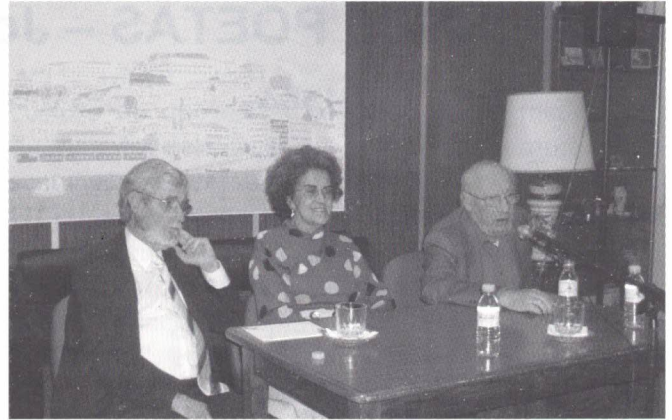
intimidade, que falava ao coração da gente. Os mais achegados Amigos do Zeca, em Coimbra, fui eu e o Santos Silva – hoje engenheiro na Figueira da Foz. Despudoradamente citei-me em primeiro lugar ... e talvez, assim, haja sido!

A nossa amizade com ele nasceu cerca de 30 anos antes do 25 de Abril. Tínhamos um assobio comum que nos identificava. Éramos da mesma Turma, desde o 4º ano do Liceu. Terei sido eu o primeiro a acompanhá-lo à guitarra, naquelas saudosas noites de "fadistice" ... e tantas coisas mais! Éramos Amigos de Rua. Amizade de sentimentos e camaradagem. Nem precisávamos de falar. Bastavam os gestos e os olhos.

A personalidade do Zeca é muito difícil de definir. Só podia ser entendida num convívio próximo, como foi o nosso. Personalidade leve, fluida, de certo modo esquiva a contrastes: luzes e sombras; excessos e insuficiências; força e fraqueza!

Vectores, seus, principais: simpatia; autenticidade; inquietação; modernidade!

Era um tipo "porreiro" (perdoem o calão)!: bom; generoso; intuitivo; fraterno; com sentido de humor inteligente e algo melancólico, que muitas vezes apontava a si mesmo, às suas falhas e distrações hiperbólicas. Descobria por intuições, por vezes contraditório, mas fiel a si próprio.



A nossa Presidente ladeada por Carlos Couceiro e José Niza

Causava inquietação, pois vivia num outro mundo, numa falta de jeito para o concreto da Vida Real. Vivia sobre a inconsciência ou desprendimento, que tanto seduzia como afligia.

Chamávamos o Torgupês, pois tinha a arte de jogar com palavras trocadas: Torgupês era Português; çamaroca era maçaroca; ... E tanto mais! Eu quanto me perdia no tentar "linguarelejar" com ele!

Zeca: hoje pergunto-me se terás sido um "tipo" feliz. E penso que o hajas sido ... mas às migalhas!

Carlos Couceiro

VISITAS LOCAIS

Actividade já com lugar cativo nas agendas dos Colegas, a realização das visitas locais continua a despertar bastante interesse.

Em 2007 privilegiámos a visita a exposições temporárias de reconhecido mérito, que de seguida enumeramos:

- Em Fevereiro, no Museu do Chiado, "Exposição Columbano Bordalo Pinheiro";
- Em Março, no Museu Gulbenkian, "Exposição Cartier";
- Em Abril, no Museu Nacional de Arte Antiga, "Exposição o Brilho das Imagens – Pintura e Escultura Medieval do Museu Nacional de Varsóvia";
- Em Maio, Palácio de Belém e Jardins e no Museu da Presidência da República, "Exposição sobre a visita a Portugal da Rainha Isabel II".

Em finais de Maio ainda se efectuou uma segunda visita à "Exposição o Brilho das Imagens", uma vez que o número de inscrições para ela a isso obrigou.

Após as férias recomeçámos com as seguintes:

- Em Setembro, Palácio e jardins da Quinta da Regaleira em Sintra;
- Em Outubro, Mesquita de Lisboa;
- Em Novembro, no Museu Gulbenkian "Exposição Tesouros do Museu Beneki de Atenas", à qual, também no mesmo mês, se efectuou uma segunda visita atendendo ao elevado número de inscrições;
- Em Dezembro, Sé Patriarcal de Lisboa.

Sempre guiadas por pessoas altamente qualificadas, todas estas visitas, proporcionaram um acréscimo de conhecimento e uma nova visão sobre os assuntos em apreço, o que a todos agradou bastante.

Maria Claudina Castel-branco

OS NOSSOS POETAS – João Afonso

COIMBRA

*Tanto foi dito de ti
Tantos os que te cantaram...
Desde o dia em que parti
Meus olhos tristes ficaram.*

*Coimbra jamais esqueço
Tua beleza sem fim;
Por ti sofro, emudeço
E choro dentro de mim.*

*Fui perguntar ao Penedo
-"Saudade" ou "Meditação"-
Se ali guardo algum segredo,
Sonho, amor ou ilusão!*

*Percorri-te rua a rua
Sem destino, sem idade,
Regressei de alma nua
Alagado de saudade!*

João Bento Soares

A COIMBRA OUTRA VEZ

*Chegaste com a Primavera
Mas já não te esperava...
Um amor, uma quimera
Que para mim não contava.*

*Quero voltar ao passado
Retirar ao peito a dor,
Agora mais enredado
Nos olhos dum velho amor.*

*Como louco persegui
Sonho que não se desfez:
O de vires ter aqui
A Coimbra outra vez!
A Coimbra outra vez,
Outra vez!*

João Bento Soares

NATAL 2007

*Num certo estábulo de longínqua aldeia
envolto nuns pobres panos
a luz da estrela poisada na candeia,
veio ao mundo, há mais de dois mil anos,
um tal Jesus que ao sol da Galileia
foi o maior dos reis, entre soberanos.*

*E foi crescendo o corpo da Mensagem
que anunciava os ventos da mudança,
ao semear nos homens a coragem
com raiz nas searas da lembrança,
para que a luz daquela mangedoura
fosse a mesma que as nossas almas doura
quando acende os pavios da esperança.*

Francisco de Vasconcelos

O ANJINHO DA GUARDA

*Desenhei-o a pastel
com cores suaves
e traços só esboçados,
sem acabamentos elaborados.
A carinha, dada por terminada,
tem um sorriso terno, divertido.
As bochechinhas são rosadas
e o nariz gordinho.
Os olhos, tão expressivos,
seguem-nos por todo o lado.
São olhinhos alegres,
cheios de simpatia,
cheios de compreensão,
cheios de bondade,
cheios de perdão!
É o meu Anjinho da Guarda;
fi-lo à minha dimensão!
- Para mim e para vós,
peço-lhe a sua protecção! –*

Miliú Chichorro Rodrigues

CONVERSAS MENSAIS

I – "EPISÓDIOS NUMA PROFISSÃO"

Dia 28 de Março, na Sede

Mal iniciara uma carreira de seis anos de acusador público. Mogadouro era a comarca. Litorâneo e de planície, fascinava-me o planalto e o interior nordestino, onde o homem emana e irmana com a agreste paisagem, é avaro na palavra e alonga o sonhador olhar pela infinda planura, aqui e ali pontilhada de rocinantes freixos ou vetustos carvalhos.

Os quase vinte e sete anos passados não me fizeram esquecer a sua triste figura. Frágil, com não mais de sete palmos de comprido, bem enxutas eram as poucas carnes. Esparsas cãs nasciam-lhe da testa alta, curtida pelos frígidos nove meses de Inverno, tisonada nos restantes meses de abrasador inferno, vividos pelos escavados caminhos e desabrigadas estradas transmontanas, razão da sua vida, o seu maior amor. Os olhitos azuis retinham ainda mal escondida malícia.

Viu-o pela primeira vez ao tomar-lhe declarações, como acusado. Os pais de Susana, escoreita cachopa de dezassete anos, de verdes olhos e carnudos lábios acusaram-no de lhes ter estuprado a filha.

Então para que um homem pudesse ser condenado por estupro, exigia o Código Penal a prova de três factos: desfloramento da virgem, com mais de dezasseis e menos de dezoito anos, por meio de sedução.

Aestória que Susana contava era corriqueira. Vizinha do senhor Manuel Azevedo e terminados os seus rudimentares estudos, como se não fosse precisa em casa, pois os pais tinham criados de servir, usava ela ir a casa do ancião, cantoneiro aposentado. Ao seu colo, os olhos perdidos nas crepitantes chamas que abraçavam os nodosos troncos de freixo, consumindo-se na enegrecida e tosca lareira, ouvia-lhe estórias de sonhar. Os anos foram correndo. As formas dela se arredondaram, e o sal, mais, cada vez mais, condimentava as narrações, enveredando por pícaros caminhos, libertadores de recatados instintos, falentes nele, nascentes nela. E... aconteceu. Foi num dia em que a Ti Maria tardara, talvez mais trôpega na apanha das carrascas para o lume. Frutificou rebento. Não o podia negar! Todos diziam que era chapado a cara do velho Azevedo!

Por ciciadas palavras, com envergonhada vaidade, fez espontânea confissão.

Bem percorri os tratados de medicina-legal. Todos me recusavam um limite de idade para o homem procriar. Cumprí a minha obrigação... acusei-o. Mais

custoso do que narrar os factos incriminadores na querela, foi dela sacar os vestígios da ternura que o septuagenário em mim fizera brotar.

O julgamento correu arrastado, sem calor. Os personagens sentiam-se dominados, não pela reprovabilidade do acto, mas por uma mal escondida vaidade machista, apimentada com as ingénuas e "sedutoras" estórias, instrumento do "criminoso" para a prática de "nefando" crime...

Os três juízes de tudo se convenceram e deram como provado, salvo a sedução... Como a todos, ficou-lhes a dúvida sobre quem fora o sedutor! O estupro estava afastado e também a dura pena maior. Ficava o atentado ao pudor... daí não podiam fugir, os factos bastavam. A pena era correcional. Caíram nove meses de prisão, substituídos por igual tempo de multa. "Paternalmente", o corregedor admoestou-o, mandando-o em paz e liberdade... por ora!

Decorreu o tempo para ele pagar a multa, e ele não o fez. Teria de ir aqueles meses para a cadeia. Procurou-me a velhinha Ti Maria, companheira do Azevedo. Pedia clemência. Mais de cinquenta anos levavam de matrimónio e nada tinham guardado salvo algumas, poucas, saudades. Pedira para o Brasil auxílio a um irmão do marido... o pouco dinheiro necessário estaria a chegar. O senhor doutor delegado não podia esperar?

Que podia fazer? A lei era clara, precisa e categórica... teria de ir nove meses para a cadeia. Negligenciei a minha obrigação de promover a sua entrada na prisão, retendo o processo em meu poder. Mas tudo tem limites. Felizmente, antes de estes chegarem, a luz salvadora surgiu. Lembrei-me de abrir uma subscrição entre os trabalhadores do foro para conseguir dinheiro e pagar a multa. Resultou! Assim não foi parar à cadeia o velho Azevedo. Nunca lá estivera na sua longa existência. Nunca mais o vi desde a audiência, e jamais o verei... há muito teria passado a centúria. Jamais o esquecerei...

S. Martinho do Porto, 30 de Julho de 1985

*Francisco José Galvão de Sousa
Chichorro Rodrigues*

II – "DA FUSÃO DE PORTUGAL COM ESPANHA"

Dia 12 de Abril, na Sede

Em vários órgãos da comunicação social veio publicada notícia de que numa sondagem efectuada

em Espanha, 45,7 dos espanhóis defendem a fusão dos dois países e a constituição de um Estado único, designado Espanha ou Grande Ibéria.

Não é de estranhar que tantos espanhóis defendam essa solução.

Creio, porém, que na sua grande maioria, são apenas, castelhanos. Isto porque não é credível que os galegos (alguns destes o que defendem é a união com Portugal), os bascos e os catalães, e mesmo os andaluzes, defendam tal união.

Os castelhanos, e só estes, desde sempre defenderam essa união, lutaram e pretenderam engolir Portugal.

Foi assim em 1385 quando foram derrotados por D. Nuno Álvares Pereira na histórica batalha de Aljubarrota, e foi assim entre 1580 e 1 de Dezembro de 1640, período de tempo durante o qual conseguiram que Reis castelhanos, fossem também Reis de Portugal e nos dominassem.

Felizmente, aconteceu o 1.º de Dezembro de 1640 que ainda hoje, é feriado nacional. E acabou então a desastrosa dinastia dos Filipes

Não admira, pois, que sempre derrotados, estejam ansiosos, aguardem o dia da desforra e continuem interessados em que os portugueses deixem de ser portugueses e sejam espanhóis.

Actualmente os espanhóis devem preocupar-se apenas com os seus problemas internos, com problemas dos seus diversos povos que só por força das leis de Madrid são considerados espanhóis.

Na dita Espanha falam-se várias línguas, como sejam o castelhano, o basco, o galego e o catalão. Não há propriamente língua espanhola. Adenominada língua espanhola, é apenas a língua castelhana.

E nas regiões em que se fala uma das outras línguas, o que as respectivas populações pretendem, além da autonomia política e económica, é a sua independência e por ela vêm lutando, servindo de exemplo os bascos, como é por todos sabido.

E Portugal?

Portugal é um Estado uno e independente desde 1140, (independência reconhecida por Castela no dia 5 de Outubro de 1143), onde sempre se falou uma única língua e onde jamais houve região ou província que pretendesse a sua independência.

É certo que alguns falsos "portugueses" chegaram a lutar noutros tempos ao lado dos castelhanos, pela união de Portugal com Castela.

E ainda hoje haverá alguns que pretendem a sua fusão com Espanha e como único chefe de Estado um Rei Espanhol.

Terá sido mesmo este o resultado de sondagem recentemente efectuada em Portugal.

Mas se esses falsos portugueses não estão satisfeitos que vão para Castela.

Estes indivíduos olham apenas para o seu umbigo. E

só porque entendem que os espanhóis têm melhor nível de vida querem passar a ser espanhóis.

A Espanha após a guerra civil de 1937/1939 encontrava-se económica e socialmente muito atrasada comparada com Portugal. É certo que actualmente é ela que economicamente está mais adiantada, o que faz inveja a esses tais portugueses, esquecidos como estão de que a culpa é apenas dos próprios portugueses que não tem sido tão empreendedores, tão activos, tão trabalhadores e não têm estado conscientes de que o interesse colectivo e o bem-estar de todos e não apenas de alguns, deve sobrelevar o interesse individual de cada um.

Mas traidores tivemos-los sempre.

Por isso não é de estranhar que agora existam entre nós.

Só que a nossa fronteira com Espanha está, há hoje bem aberta.

Que aqueles que pretendem a união com Espanha a ela se dirijam, a atravessem e neste país passem para sempre a viver.

Portugueses como eles não fazem falta em Portugal

Alcindo Augusto Costa

III – "A JUSTIÇA EM PORTUGAL"

Dia 26 de Setembro, na Sede

Na conversa que no mês de Setembro de 2007 tivemos com os colegas na nossa Associação subordinada ao tema A JUSTIÇA EM PORTUGAL, considerámos que o desprestígio do Poder Judicial tem resumidamente as seguintes causas:

- **A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DEMOCRACIA, ATRAVÉS DA REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL**, que teve como consequências uma maior liberdade dos Órgãos de Comunicação Social, que sendo na generalidade dos casos de aplaudir, trouxe para a ribalta, por vezes com péssimos efeitos sociais, problemas que não passavam das quatro paredes das salas de audiência. Crimes graves sempre houve, mas deles não tinha o público em geral conhecimento; colisões entre o Poder Executivo e o Poder Judicial não são privativas dos nossos dias; crimes praticados por pessoas altamente colocadas no Governo, na Administração, na Sociedade Civil ou na Igreja ocorreram em todos os tempos e nunca os Tribunais deixaram que os mesmos ficassem impunes; atrasos na finalização dos processos, ainda que menores, do que aqueles que hoje ocorrem, nunca foram uma raridade, nem entre nós nem nos países em cuja esfera de influência nos movemos;
- **A REESTRUTURAÇÃO DO ACESSO À MAGISTRATURA JUDICIAL**, com a criação do

Centro de Estudos Judiciários, o que teve como consequência o aparecimento de juizes muito novos a exercerem a judicatura, senão na idade, pelo menos na experiência da vida dos tribunais, e se da juventude em si nada de mal vem ao mundo, já da falta de experiência que os magistrados judiciais de antanho iam adquirindo com a aprendizagem prática no dia a dia dos tribunais não se pode dizer o mesmo. Como delegados iam aprendendo não só com o saber dos juizes mas também com o seu comportamento e, pouco a pouco, iam adquirindo a experiência e até a maturidade necessárias para o exercício da sempre difícil missão de julgar;

- O INTERMINÁVEL CAUDAL DE LEIS QUE TODOS OS DIAS SURGEM obrigando os juizes a uma ciclópica tarefa para conseguirem cumprir o velho brocardo da mihi factum, dabo tibi ius, pois todos os dias são bombardeados, pelo Governo e pela Assembleia da República com tantos e, a maioria das vezes tão deficientes, diplomas que dificilmente, mesmo com vastos conhecimentos de hermenêutica, conseguem conhecer em profundidade a lei em vigor. Importa não esquecer que nos últimos 30 anos têm surgido diplomas e mais diplomas, como, por exemplo, o Código Penal, o Código de Processo Penal, o Código das Sociedades Comerciais, o Código dos Processos Especiais de Recuperação da Empresa e da Falência, alguns com múltiplas versões, sem que se consultassem os agentes mais interessados na sua eficácia e sem ter havido o mínimo cuidado na redacção dos preceitos e na necessária ponderação sobre as questões que procuraram decidir. Paradigmático é o sucedido com o Código de Processo Civil. Surgido em 1939, sofre em 1961 uma profunda reforma que implicou, ainda que a sua estrutura se mantivesse, a publicação de um novo Código. Desde então e até à Revolução de Abril sofre duas alterações: uma para o adaptar ao Código Civil entretanto publicado; e outra em que foram modificados tão-somente oito dos seus artigos. Depois daquela data já esteve na mira de, pelo menos, 36 diplomas, como se conclui pela simples leitura do art. 1.º da Lei n.º 14/2006, de 26 de Abril... Mais: neste encarniçamento contra um dos diplomas mais importantes para a vida dos e nos tribunais, um dos textos legais que mais o alterou, sem que, note-se tivesse havido qualquer consulta pública, o Decreto-Lei n.º 329-A/95, de 12 de Dezembro, antes de entrar em vigor foi logo profundamente alterado pelo Decreto-Lei n.º 180/96, de 25 de Setembro, tendo ao fim e ao cabo sido modificados mais de 600 artigos e introduzidos umas quatro dezenas de artigos novos, que lhe modificaram a estrutura e a filosofia que o enformava, o que levou o nosso saudoso Mestre, Professor Doutor João de Matos Antunes Varela, com

a autoridade que todos lhe reconheciam, a classificar esta reforma como o maior mastodonte da história da legislação portuguesa. Igualmente sintomático é o que se passa agora com a reforma do Código de Processo Penal que tanta celeuma tem originado nos últimos dias. Aprovado pela Assembleia da República sem ter em consideração as advertências feitas, entre outras entidades, pela Associação Sindical dos Juizes Portugueses, veio a ser publicado com uma vacatio legis de 15 dias, o que não permite que seja devidamente estudado e ponderado e já provocou, além do mais, uma avalanche de saídas de potenciais criminosos, que veio a reforçar a sensação de insegurança que nos últimos tempos se tem implantado entre nós. Em face deste panorama que nos limitamos a abordar, os juizes portugueses estão hoje obrigados a um enorme esforço, não só para saber qual a lei que vigora, mas muito mais do que isso, para a todo o momento estarem a interpretar leis e leis que lhes aparecem em catadupa, sem possuírem o mais das vezes quaisquer meios para saber porque é ou para que é que a lei surgiu, nem para desvendar a unidade do sistema em que ela se integra, tão numerosos são os preceitos – surgidos em épocas diferentes, senão no mesmo momento – que lhe destroem a harmonia e uniformidade com que foi idealizada, tanto mais que as fontes da lei e os trabalhos preparatórios, a maior parte das vezes ficam no segredo dos deuses. Não se esqueça: LEIS MÁS OU DEFICIENTES SÃO CAUSA DE MÁS DECISÕES E, PORTANTO, DE MÁ JUSTIÇA.

- O AUMENTO EXPONENCIAL NAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS DO NÚMERO DE PROCESSOS que não foi acompanhado do aumento do número de juizes nem de uma reestruturação das comarcas, algumas das quais estão mais de que esgotadas dos recursos humanos enquanto outras pouco ou nada têm para fazer.

- A DIMINUIÇÃO DA AUTORIDADE DAS FORÇAS POLICIAIS que vêm sempre posta em causa a sua actuação quer ajam ou não. Se agem actuam com violência sádica ou andam na caça à multa, se não agem são corruptas, estão feitas com os bandidos. Pior do que isso é ainda, por vezes, serem presas por terem cumprido o seu dever... Deste modo não ver ou fingir não ver, passa a ser a preocupação dominante das forças policiais, quando vendo e actuando em conformidade com o necessário uso da força, são alvo das mais cruéis censuras, sobretudo de certa imprensa que, privilegiando o sucesso da venda do seu produto em detrimento da objectividade e veracidade da notícia, quando é praticado um crime e os agentes da autoridade não intervêm, logo os critica porque não protegeram os cidadãos; e que, quando estes têm de usar da força

mesmo molestando somente o quantum satis, criminosos violentos, logo se põem ao lado destes, clamando que agiram com uma brutalidade desnecessária ou, pelo menos, insinuando que assim o fizeram, o que muitas vezes é bem pior. Ora com agentes das forças policiais fragilizados na sua autoridade, fragilizada fica a Justiça, pois, como é sabido, o braço dos tribunais para fazer respeitar as suas decisões, tanto criminais como cíveis ou mesmo laborais, assenta essencialmente nos corpos policiais, sejam eles da Polícia de Segurança Pública ou da Guarda Nacional Republicana.

Feito um sumaríssimo, diagnóstico das razões que estão na base do momento grave que atravessa a Justiça em Portugal, finalizamos com a terapêutica que nos parece aconselhável.

Antes de mais parece-nos que é necessário estruturar diferentemente a Magistratura Judicial de modo a que os juízes que nela se iniciam tenham maior e melhor consciência da missão de que estão incumbidos, sendo, a nosso aviso, ainda essencial que o Conselho Superior da Magistratura tenha primordialmente uma actuação pedagógica muitíssimo consciente e evite que os juízes sejam eles de 1ª instância ou dos Tribunais Superiores desempenhem funções fora da magistratura susceptíveis de lhes beliscar a compostura e o prestígio que se lhes exige e, quando isso não baste, que o referido Conselho tenha uma actuação rigidamente disciplinadora, punindo severamente todos os comportamentos que não sejam consentâneos com o exercício de tais cargos.

Depois, é preciso que os legisladores não se esqueçam que legislar é uma função social que deve ser muito ponderada, sendo para tanto necessário, quando os temas são extremamente complexos e têm implicações com o funcionamento dos tribunais, haver uma ampla discussão, em que sejam chamados a intervir efectivamente, professores das diferentes escolas de Direito, magistrados, advogados, solicitadores e funcionários de justiça. Mais vale legislar menos e bem do que precipitadamente e, de seguida, surgirem as correcções.

É, ainda, imperioso que o Poder Executivo aumente em muitos casos o número de juízes para estes não se verem na contingência de serem forçados a não cumprir os prazos disciplinadores que a lei lhes aponta. Os juízes não são máquinas; não podem viver só rodeados de montanhas de processos. Os juízes precisam de estudar e de ter uma vida normal como qualquer outro Homem, integrando-se na sociedade que os rodeia, dedicando-se às suas famílias e tendo os momentos de lazer que todos reclamam como um direito indisponível.

Finalmente, é necessário que se acabe de uma vez por todas com a crise de autoridade, essa sim uma

conjuntura altamente perigosa para a vida em sociedade que todos nós desejamos.

As nossas posições são discutíveis, mas é este o nosso testemunho sobre o momento actual da Justiça em Portugal.

Fernando Brandão Ferreira Pinto

IV – "VEM DIZER DE TUA JUSTIÇA"

Dia 16 de Outubro, na Sede

Realizou-se no dia 16 de Outubro, com a presença de cerca de 40 Sócios esta sessão que tem a finalidade de auscultar a opinião dos nossos Sócios relativamente à actuação da Direcção e de dar opiniões acerca das nossas actividades, nomeadamente jantares/conferência, tertúlias, visitas locais, passeios da Primavera e do Outono, jantares na Valenciana, viagens, outras actividades e Filantrópica.

Ficou combinado que continuariam a realizar-se os jantares/conferência, as conversas ou tertúlias na Sede, os jantares na Valenciana (mas que devem ser incentivados).

Foram sugeridas as viagens temáticas (ópera em Verona ou em Milão, musicais em Londres, flamenco em Sevilha), a criação de um grupo de expressão teatral. O nosso Salão deve também ser usado para jogos de bridge, jogos de cartas, cursos de bordados (com a história do bordado tradicional português, o ponto de fé de gala, as rendas de bilros). Também pode ser utilizado para cursos de pintura, registos, ginástica.

Deverão ser efectuados contactos com outras Universidades – Santiago de Compostela, Heidelberg, Montpellier – e deverá ter lugar uma visita à Universidade de Salamanca.

Para temas das nossas conversas na Sede foi sugerido os "200 anos da Partida da Família real para o Brasil". Outro tema: O Hino Nacional.

Relativamente às viagens foi sugerida a ida aos Picos da Europa para passeio da Primavera, a passagem do ano em Salamanca durante 5 dias (de 29 de Dezembro a 2 de Janeiro), a repetição da viagem à Austrália e Nova Zelândia e também houve propostas para o Tibete, Índia, China e Shri-Lanka, Guatemala e Costa Rica, Córsega e Sardenha.

Depois de votação com o braço no ar foi deliberado que a viagem grande seria à China (em Outubro), repetir-se-á a ida à Austrália e Nova Zelândia (em Março – Abril) e ir-se-á fazer uma votação entre todos os Sócios para decidir entre Turquia, Irlanda e um cruzeiro nas Caraíbas, para a viagem mais pequena a realizar em Julho.

Maria Isabel Soares da Costa

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Em meados de 2007, com uma equipa renovada, retomou a Filantrópica as suas actividades. Norteada pelos princípios da solidariedade para com os colegas doentes, mais isolados e idosos, a Filantrópica tem procurado ser um elo de ligação entre aqueles que serve e a nossa Associação. Para o efeito instituiu uma prática de contacto solidário, quer por telefonemas, quer por visitas domiciliárias efectuadas, procurando levar amizade e camaradagem a todos os que não têm possibilidade de nos visitar na sede.

Paralelamente, temos procurado, na nossa acção, não esquecer os familiares enlutados dos colegas que já partiram, acompanhando-os nessas horas difíceis.

Porque a sã convivência coimbrã nos alimenta e fortalece, temos procurado animar a nossa sede com convívios, os quais têm sido muito participados. Desde aromáticos chás e deliciosos bolinhos enquadrados numa "esmerada" decoração, até à animação musical, o "nosso salão de chá" tem proporcionado bons momentos de lazer. De entre estes momentos, de certeza que todos os participantes recordarão o chá onde se evocou, com muito carinho, a nossa sempre saudosa Olga Reis. A participação do Alexandre Bateiras e do João Gomes, virtuosos da guitarra e da viola, foi um momento alto desse convívio.



Também vos damos conta de que o nosso Jantar de Natal realizado na antiga Cooperativa Militar, foi muito concorrido; animado pelo nosso famoso grupo *Ad-Hoc*, cuja jovialidade é deveras invejável, foi do agrado de todos.

E ainda o envio a cada um dos Sócios, na data do aniversário, de cartões de felicitações personalizados com a inspiração do Arménio Hall.

Motivados pela receptividade já obtida, continuaremos em 2008 com idênticas iniciativas as quais, esperamos, vos continuem a seduzir.

Maria Claudina Castel-branco

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

... em 2007 (de Janeiro a Dezembro) foram :

Dr. José Norberto de Melo Baeta de Queiroz, Sócio nº 1234;

Eng. António Manuel Paixão da Cunha Ferreira, Sócio nº 1235;

Dr. Armando Dias Nascimento, Sócio nº 1236;

Eng. José António Correia, Sócio nº 1237;

Dr.^a Maria Odete Santos Machado Koene, Sócio nº 1238;

Dr.^a Maria de Lourdes E. D. Calvão Borges, Sócio nº 1239;

Dr. José Osório da Cunha Dá Mesquita, Sócio nº 1240;

Dr. Carlos Tavares de Sousa Coelho, Sócio nº 1241;

Eng. Pedro Braamcam Mancelos; Sócio nº 1242;

Dr. João Manuel Fernandes Neto, Sócio nº 1243;

Dr.^a Patrícia Carla Valente Ferraz de Matos, Sócio nº 1244;

Eng. António Jorge Sousa Mendes, Sócio nº 1245;

Dr.^a Maria da Luz Santos Silva, Sócio nº 1246;

Dr.^a Maria Lezita Rodrigues Caliço, Sócio nº 1247;

Dr.^a Maria Isabel dos Santos Gama Rodrigues de Oliveira Pinto, Sócio nº 1248;

Dr. Carlos Manuel Teixeira de Melo Sereno, Sócio nº 1249

Dr.^a Isabel Margarida de Gouveia Lopes Ribeiro Fonseca Ferreira, Sócio nº 1250

e

Dr.^a Maria Lisete da Cruz Pereira, Sócio nº 1251.

IN MEMORIAM... ... A OLGA REIS

Em Setembro passado deixou-nos a nossa Colega e Amiga Olga Reis. Falar sobre a Olga é ao mesmo tempo fácil e difícil.

Fácil se nos cingirmos ao seu carácter bom, generoso e de entrega total ao seu semelhante, feita com a simplicidade e verdade que era seu apanágio.

Difícil se nos referirmos ao seu perfil intelectual multifacetado que era capaz de nos encantar com os ensinamentos do seu saber.

Quanto às qualidades de se dar ao próximo fui muitas vezes testemunha disso, através da sua actividade na Filantrópica. O seu espírito inquietava-se com o sofrimento ou solidão que pressentia existir nos nossos colegas mais idosos. Já na fase da sua pouca saúde esquecia-se constantemente das suas dificuldades para só pensar no bem estar dos outros. E esta entrega era feita com tanta naturalidade e sinceridade que nem parecia constituir sacrifício, era antes o espelho da sua alma sã e bondosa.

No que se refere à expressão da sua cultura, para além da convivência enriquecedora, dela nos ficaram as inesquecíveis lições de história e conhecimentos gerais com que nos deliciou em tantas tardes de quintas-feiras nas chamadas "Conversas Quinzenais" da nossa Associação. Eram exposições feitas com tanta espontaneidade e clareza que nos prendia até tarde sem darmos pela passagem do tempo.

A Olga tinha a naturalidade que resultava da sua bondade intrínseca a que nos transmitia um sentimento de simpatia e respeito que, estou certo, todos nós lhe dedicávamos.

Na faceta da sua vida privada e familiar as suas qualidades de amor e fraternidade igualmente se expressaram nas suas características de extremosa esposa, mãe dedicadíssima e avó desvanecida.

A Amiga partiu deixando-nos uma sensação de perda irreparável, mas ao mesmo tempo uma recordação que não esmorece. Até na coragem com que enfrentou a sua doença nos deu um exemplo espantoso de serenidade, compreensão e resignação.

A Filantrópica e a Associação muito lhe ficaram a dever pelo entusiasmo e devoção com que esteve sempre pronta a colaborar e a oferecer os seus valiosos préstimos.

É com muita emoção que aqui deixo expresso o meu pensamento e testemunho sobre esta grande Amiga, que não sendo de longa data, desde logo conquistou o meu coração e a minha admiração.

Aqui fica o adeus à minha querida Amiga Olga e, se a nossa fé tiver confirmação, a sua Alma terá um lugar de eleição num Além desconhecido. Se assim for, dir-lhe-ei com Saudade: Até um dia...

Braz dos Santos

Todos dizemos "até um dia"; e nesse dia a Direcção reiterará o seu agradecimento pelos incomparáveis contributos culturais que tanto ofertou sem condicionamentos, pela harmonia de relacionamento que manteve inalterável enquanto coordenou a "Filantrópica", pelo exemplo de vida, mesmo sabendo que ia perdê-la...
BEM-HAJA, Olga!

OLGA,
TU NÃO MORRESTE...
Não se morre nunca
quando tanto se vive
na lembrança dos que ficam.

OLGA,
TU NÃO MORRESTE...
Podes crer nesta verdade:
continuas sempre viva
bem presa à nossa saudade.

A Direcção

Gustavo

Deixaram-nos...

... em 2007:

- ✦ Cor. Armando da Sacadura Cabral, Sócio nº 293
- ✦ Dr. José da Costa Alves, Sócio nº 890
- ✦ D. Maria Helena Carvalho Torres Corado, Sócia nº 509 (Benemérita)
- ✦ Eng. António Pedro B. de Oliveira Duarte, Sócio nº 479
- ✦ Dr. João Edmundo da Silva Rodrigues, Sócio nº 343
- ✦ Dr. Germano Nunes Gouveia, Sócio nº 612
- ✦ Dr.^a Maria Celeste Mendes Marques Andrade, Sócio nº 113

- ✦ Dr. Luís Vítor Gomes da Silva, Sócio nº 1075
- ✦ Dr. Joaquim Lourenço Gago, Sócio nº 225
- ✦ Cor. Ernesto Maria Rui Dionísio, Sócio 14
- ✦ Alm. Dr. Gualter José Marques, Sócio nº 162
- ✦ Dr. Armando Carlos da Silva Marta, Sócio nº 757
- ✦ Eng. José Gomes Ferreira, Sócio nº 25
- ✦ Dr.^a Maria Olga Afonso dos Reis, Sócio nº 269
- ✦ Dr.^a Odete Maria Ferreira, Sócio nº 71
- e
- ✦ Eng. Joaquim Simões de Brito, Sócio nº 122

Que descansem em Paz.

ESPAÇO PARA AS OUTRAS A.A.E.C.

I – ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM BRAGA:

HOMENAGEM À MULHER PORTUGUESA

Promovida pela AAEC em Braga, com o apoio da Reitoria da Universidade e a colaboração das AAEC do Porto, Alto Mondego, Coimbra e Lisboa, realizou-se em Braga, no dia 22 de Setembro, um evento inédito a nível académico: a homenagem a 10 mulheres, licenciadas pela Universidade de Coimbra "por se terem distinguido em actividades de relevo, a nível nacional e internacional".

Foram elas:

"Letras" - Prof. Maria Helena Rocha Pereira (primeira mulher catedrática, primeira vice reitora da UC, Prémio Prestígio da UC)

Prof. Cristina Robalo Cordeiro (actual Vice-Reitora da UC)

Direito/Política - Dr.ª Maria de Belém (ex- Ministra da Saúde)

Dr.ª Manuela Aguiar (ex-Ministra e Secretária de Estado do Trabalho e da Emigração e Comunidades Portuguesas)

Farmácia - Prof. Irene Silveira (actual Bastonária da Ordem dos Farmacêuticos)

Medicina - Prof. Catarina Resende de Oliveira (Presidente do Conselho Científico Medicina UC)

Ciências - Prof. Helena Freitas (Directora do Jardim Botânico, ex-Presidente do Conselho Nacional da Qualidade de Vida e Ambiente)

Cultura - Prof. Dalila Rodrigues (ex-Directora do Museu Nacional de Arte Antiga)

Prof. Yvette Centeno (ilustre escritora, agraciada com a grã cruz da Alemanha e de França da Cultura)

Associativismo académico/Direito - Dr.ª Maria de Fátima Lencastre (actual Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e membro da Mesa da Assembleia Geral e do Conselho

Restrito da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito -ALUMNI").

Reza assim "O Diário das Beiras":

"Uma dezena de mulheres que poderão servir de exemplo a muitas outras, pela força com que se afirmaram nas suas áreas profissionais, áreas onde o homem ocupou desde sempre um papel muito mais visível.

Uma a uma, foram chamadas ao palanque, onde receberam a medalha da homenagem e proferiram algumas palavras de agradecimento.

Frases como "Nenhuma outra universidade pública ou privada, pode vangloriar-se de ter atingido tamanha dimensão"; "Este prémio tem um significado muito especial para mim"; "O orgulho que sempre tive em pertencer à Universidade de Coimbra não tem tamanho" foram sendo proferidas ao longo dos discursos das homenageadas.

O Reitor Seabra Santos finalizou a homenagem dizendo: "apetece que me autorizem a eleger uma 11ª homenageada. Uma senhora que se renova todos os anos, que recebe milhares de estudantes por ano. Uma casa que foi a primeira de todas as universidades portuguesas. Queiram juntar às dez ilustres homenageadas a nossa querida Universidade de Coimbra (a mãe ou avó de todas as universidades portuguesas)".

Tendo começado por um almoço/convívio, a homenagem foi precedida por uma conferência proferida pelo Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro sobre "Um breve percurso do papel da mulher portuguesa" (com incidência especial na literatura) e terminou com um momento de poesia pelos Coros Dramáticos da AAEC no Porto, de música pelo Grupo Coral "Alma de Coimbra" e com a Serenata de Coimbra pelo Grupo de Fados da Associação anfitriã.

Maria da Piedade Tavarela

(Presidente da Direcção)



Seabra Santos com as homenageadas

NOTICIÁRIO

I - JANTARES MENSAIS

Realizaram-se em Janeiro (festejando "O Dia de Reis"), Fevereiro, Maio, Julho, Setembro e Novembro, no local que continua granjeando as preferências da maioria dos convivas, a *Valenciana*, com as habituais alegria e felicitações aos Colegas aniversariantes.



Os aniversariantes: ... de Janeiro



... de Maio



... de Junho



... de Julho



... de Novembro...

II - QUEIMA DAS FITAS 2007

Por iniciativa da nossa Associação, o cortejo deste ano foi aberto por uma faixa preta "*Para Além da Utopia*" alusiva aos 120 Anos da Associação Académica de Coimbra, solidariamente ostentada por antigos Estudantes, em reconhecimento da sua integração na Comissão de Honra das Comemorações (através dos Presidentes das respectivas A.A.E.C.)



III – COM A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

A Comissão da Comemoração dos 120 Anos da Associação Académica de Coimbra fez questão de iniciar em Lisboa o seu périplo pelas Associações de Antigos Estudantes.

Assim, no dia 1 de Junho, 80 Sócios – com saliência para 35 jovens (desta vez despertos...) acolheram o

Presidente da Assembleia Magna, o Presidente e outros Vogais da Direcção-Geral num jantar onde a *alma mater* igualizou as idades, trocando-se experiências e projectos futuros e ouvindo-se poesia e fado que os convidados nos ofertaram.



IV - FESTA DOS SANTOS POPULARES

No dizer dos 109 convivas, foi a melhor dos últimos anos; decorreu na Quinta de Santo António da Barôta, com aperitivos, almoço típico, lanche e um animadíssimo bailarico durante toda a tarde, só interrompido pelo Júri do Concurso das Quadras dos Santos Populares, que classificou as seguintes: 1º e 2º Prémios para o Manuel Osório e Menção Honrosa para João Afonso:

S. João, deixa esse túnel,
É tempo de brincadeiras,
Deixa o trono, vem connosco,
Vamos saltar as fogueiras.

"NEMO"

S. João, com ou sem túnel,
Não há farra como esta,
Pois trouxemos para aqui,
Anossa Coimbra em festa.

"NADIE"

E Menção Honrosa para :

S. João, sai do Altar,
Vai ao Túnel do Marquês,
De capa, p'ra disfarçar...
Grande fogueira ali fez!

"MEIMOA"



O Júri e os premiados...

V - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ❖ A **Reitoria da Universidade** de Coimbra convidou-nos para a cerimónia de investidura do Magnífico Reitor, realizada no dia 28 de Fevereiro; para as cerimónias de comemoração do 71º aniversário da Universidade, que decorreram no dia 1 de Março (Missa na Capela, sessão solene, espectáculo no Teatro Gil Vicente e homenagem ao poeta António Ramos Rosa); para a cerimónia de imposição da Medalha de Mérito ao *Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra* que teve lugar na Biblioteca Joanina, no dia 13 de Junho; para a abertura solene das aulas, no dia 19 de Setembro; e para a cerimónia do doutoramento honoris causa do Dr. António de Almeida Santos que teve lugar no dia 9 de Dezembro.
- ❖ A **Associação Académica de Coimbra** solicitou a nossa presença na tomada de posse dos seus Órgãos Gerentes para 2007, ocorrida no dia 24 de Janeiro, na Via Latina; para a apresentação do livro "Um Século de Lutas Académicas", que teve lugar no dia 11 de Setembro, no Casino da Figueira da Foz e para a Festa das Latas, que decorreu de 25 a 31 de Outubro.
- ❖ O **Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra** e o **Casino da Figueira da Foz** convidaram-nos para o Encerramento das Comemorações dos 25 anos da sua existência, que teve lugar no dia 3 de Fevereiro, com um concerto participado pela *Orquestra Clássica do Centro*.
- ❖ A **AAC, o seu Organismo Autónomo de Futebol** e a **Casa da Académica em Lisboa** convidaram-nos a assistir à "*Grande Gala Académica*", que realizaram no dia 27 de Setembro, no Casino Estoril, com um extenso programa integrando uma homenagem a Luiz Goes e um tributo de dedicação e mérito a António de Almeida Santos.
- ❖ A **Casa dos Açores** continua a privilegiar a nossa representação na Gala/Jantar baile comemorativo do seu 80º Aniversário, em 3 de Março.
- ❖ O **Presidente do Governo Regional dos Açores** convidou-nos a assistir ao Concerto da "*Orquestra Regional Lira Açoriana*", apresentado em Leiria no dia 13 de Outubro.
- ❖ A **Associação Cultural de Amigos de Goa, Damão e Diu** festejou o seu 11º aniversário em Coimbra com o 8º *Encontro Nacional de Associações Luso-Indianas*.
- ❖ A **Sociedade Histórica da Independência de Portugal** promoveu uma conversa "*Divulgação da História de Portugal*" pela nossa associada Fernanda Godinho Esteves.

❖ A **Associação dos Pupilos do Exército** festejou as suas Bodas de Diamante no dia 1 de Outubro no Teatro Camões, onde estivemos representados.

❖ A **Junta de Freguesia do Santo Contestável** e a **Casa Fernando Pessoa** convidaram-nos para a apresentação do CD do nosso associado Fernando Rolim "*Regresso de Quem Nunca Partiu*", por

António de Almeida Santos, tendo estado presentes a nossa Direcção e nossos Sócios ligados à Canção de Coimbra.

❖ A **Escola Superior de Almeida Garrett** promoveu, em 22 de Setembro, um Evento Cultural com Carlos Carranca "*Neste Lugar sem Portas: Canto, Guitarra e Poesia*".

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

Foram os seguintes Sócios e Amigos que contribuíram, no ano de 2007, para o enriquecimento do Património da nossa Associação, oferecendo livros, medalhas, CD's, fotografias, vídeos, livros da Queima das Fitas, plaquetas, recortes de jornais, etc., etc.

Eis os seus nomes: Maria Luísa Paiva Boléo, João Quintela de Brito, Maria Isabel Cerveira Miranda, Joaquim Pinho, António Tamagninni, Teresa Granado Amaral, Renato de Figueiredo, Onésimo T. de Almeida, Luiz Goes, José Marques Vidal, António da Mota CASTRO Pina, Maria Manuela Bordalo Lopes, Artur Santos Silva, Maria da Conceição Marques Campos, Maria do Céu Santos, Augusto Morais Sarmiento, Armando Rocha, Piedade Tavela, Doutor Fernando Rebelo, Coro Misto da Universidade de Coimbra, Reitoria da Universidade de Coimbra ("*Rua Larga*"), Casino Estoril ("*Egoísta*"), Associação dos Pupilos do Exército ("*Boletim*"), Casa de Goa ("*Boletim*"), Fundação Bissaia Barreto ("*Notícias*").

Bem hajam!

Deixamos aqui o pedido de indicarem sempre a identidade de quem oferece, para nos evitar o lapso involuntário, de não os nomearmos no nosso agradecimento.

➤ Estão à venda na Sede os **vídeos** e/ou **DVD** das seguintes viagens:

- a Berlim / Hannover / Expo 2000;
- Passeio da Primavera 2002 a Salamanca e Viagem de Fim-de-Ano a Madrid;
- Viagem de Fim-de-Ano à Madeira / Pôr-do-Sol;
- Passeio de Verão a S. Petersburgo, Báltico, Finlândia, Lapónia e Cabo Norte;
- Império dos Incas (Perú – Bolívia);
- Viagem à Holanda e Cruzeiro no Reno;
- Viagem ao Chile / Patagónia / Ilha da Páscoa / Terra do Fogo / Argentina (vídeo VHS).

➤ Estão à venda os **CD's** de:

- Coro dos Antigos Orfeonistas da Univ. de Coimbra "*Vinte Anos ao Vivo – no CCB*";
- "*Poesia para Todos*", de Carlos Carranca;
- "*Regresso de Quem Nunca Partiu*", de Fernando Rolim.

ÿ Estão à venda os **livros**:

- "*O Povo do Nordeste*", de Amélia da Conceição de Sousa Ferreira-Pinto;
- "*A Nostalgia de Deus ou A Palavra Perdida em Miguel Torga*", de Carlos Carranca.

1 - Ainda temos Sócios com Quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (as dos anos 1999 a 2007 perfazem 27 568 €...)

Quando estarão todas em dia? **Dependemos da consciência de um dever estatutário...!**

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 -1º - 1000-046 LISBOA

TELEF.: 21849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaecl@oninet.pt

PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO